



**O SOBRADO DO
CORONEL MANOEL
LUCAS DE
MACEDO, SUA
ARQUITETURA E
SEU VALOR
AFETIVO PARA A
POPULAÇÃO
PICUIENSE.**



**MEMÓRIAS DE UM
SOBRADO CENTENÁRIO**





CENTRO UNIVERSITÁRIO DE ENSINO SUPERIOR DA PARAÍBA - UNIESP
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO

Láine Ruana Dos Santos Barrêto

O Sobrado do Coronel Manoel Lucas de Macedo, sua arquitetura e seu valor afetivo
para a população Picuiense.

Cabedelo

23 de Novembro de 2020



Laíne Ruana Dos Santos Barrêto

O Sobrado do Coronel Manoel Lucas de Macedo, sua arquitetura e seu valor afetivo para a população Picuiense.

Trabalho Final de Graduação apresentado ao curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário de Ensino Superior da Paraíba, como requisito para a obtenção do grau de Bacharel em Arquitetura e Urbanismo.

Orientadora: Profa. Ma. Anne Camila Cesár Silva



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Biblioteca Padre Joaquim Colaço Dourado

B273s Barrêto, Laíne Ruana dos Santos.

O Sobrado do Coronel Manoel Lucas de Macedo, sua arquitetura e seu valor afetivo para a população Picuiense [recurso eletrônico] / Laíne Ruana dos Santos Barrêto. – Cabedelo, PB: [s.n.], 2020.

101 p.

Orientador: Prof.^a Ma. Anne Camila César Silva. Monografia (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) – UNIESP Centro Universitário.

1. Arquitetura Eclética. 2. Arquitetura - Patrimônio. 3. Patrimônio material edificado. 4. Patrimônio imaterial. 5. Memória – Picuí. I. Título.

CDU: 72



Laíne Ruana Dos Santos Barrêto

O Sobrado do Coronel Manoel Lucas de Macedo, sua arquitetura e seu valor afetivo para a população Picuiense.

Trabalho Final de Graduação apresentado ao curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário de Ensino Superior da Paraíba, como requisito para a obtenção do grau de Bacharel em Arquitetura e Urbanismo.

Orientadora: Profa. Ma. Anne Camila César Silva

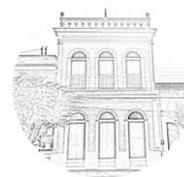
COMISSÃO EXAMINADORA

Profa. Ma. Anne Camila César Silva
Orientadora (UNIESP)

Prof. M.e. Andrei de Ferrer e Arruda Cavalcanti
Avaliador Interno (UNIESP)

Ma. Maria Helena de Andrade Azevedo
Avaliadora Externa

Cabedelo, 2020.



*Ao município de Picuí.
À memória de Cizimar Alves Barrêto Pires.*



AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por ter me concedido esta oportunidade, por nunca ter me abandonado e por me dar as repostas certas aos meus questionamentos de vida.

Aos meus pais Guia e Clitenes por todo esforço e empenho em me ajudar a conquistar este sonho. Especialmente a minha mãe por ter estado ao meu lado, mesmo com a distância, compartilhando momentos de alegria e tristeza, ouvindo meus problemas e me ajudando a resolvê-los.

As minhas irmãs Luana e Anna Laura por todo apoio, incentivo e compreensão quando não pude estar presente. Aos meus sobrinhos Kauê e Pedro, vocês são a nossa alegria!

Ao meu avô Luis por toda ajuda e paciência para me aguardar chegar, sempre me esperando na porta com um sorriso. Esta é uma das lembranças mais fortes que tenho deste período de viagens para Picuí.

À minha tia/avó Cândida por também me ajudar na concretização desta etapa, a senhora sempre tão presente e preocupada com o nosso futuro.

Aos meus tios Cizimar (in memoriam) e Pires por todo apoio, carinho e amor que me deram neste tempo que morei em sua casa. Sem vocês nada disto seria possível, **obrigada, obrigada e obrigada!** Agradeço também aos meu primos Maria Eunice e Junior, por toda receptividade.

Ao meu namorado Cristiano por me acompanhar neste árduo caminho, me animando quando tudo parecia dá errado. Agradeço também aos meus sogros Dona Graça e Seu Cícero pela acolhimento, dando-me mais uma família em João Pessoa.

Aos meus amigos Bia, Daisy, Eduardo, Fabíola, Fillipe, Jennifer, Liana, Maria Eduarda, Paulo, Raiana, Suellen e Yan, sem vocês seria tudo mais chato, obrigada por compartilharem estes dias comigo.

À minha professora orientadora Anne Camila César Silva por toda paciência e prontidão para me ajudar, e aos demais docentes que colaboraram nesta caminhada.

A Udenilson Silveira por todo conhecimento repassado, à Fátima Medeiros pela disponibilidade do prédio para os levantamentos, e a todas as demais pessoas que contribuíram para construção deste trabalho.

A todos meu carinho e amor, esta conquista é nossa!



— *Tudo que a memória amou já ficou eterno. (Adélia Prado)*



RESUMO

A presente monografia trata sobre o registro arquitetônico do bem conhecido como “Sobrado do Coronel Manoel Lucas de Macedo”, localizado no município de Picuí na Paraíba, e da sua memória apreendida pela população. O sobrado eclético do início do século XX, traz para a Picuí da época o simbolismo dos novos materiais e da mescla de estilos, a chegada desta arquitetura das grandes obras em um município do interior em desenvolvimento. Este trabalho, que aborda uma edificação legislativamente desamparada, tem sua fundamentação na necessidade de proteção da história desta, levando em conta que atualmente a problemática da desconfiguração e destruição de bens históricos com a finalidade de abrir espaço para edificações modernas vem ganhando evidência. Além disto, trata-se a memória como fator de relevância para a proteção da edificação, considerando esta como um patrimônio imaterial, que vai além do bem edificado (patrimônio material), aferindo significado para este e o concretizando no imaginário popular.

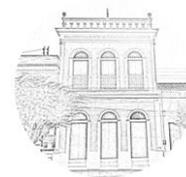
Palavras-chave: Arquitetura Eclética; Patrimônio Material Edificado; Patrimônio Imaterial; Memória; Picuí.



ABSTRACT

This monography is about the architectural record of the well-known “Sobrado do Coronel Manoel Lucas de Macedo”, located in city of Picuí, in Paraíba - Brazil, and its memory learned by the population. The eclectic loft from the beginning of 20th century brings to Picuí of this time the symbolism of new materials and a mixture of styles, the arrival of this architecture of great works in a developing interior city. This work, that addresses a legislatively helpless building, is based on the need to protect its history, taking into account that is currently gaining evidence the problematic of deconfiguration and destruction of historical goods with the purpose of opening space for modern buildings. In addition, its memory is treated as a relevant factor for the building protection, considering it as an immaterial heritage, which goes beyond the well-built (material heritage) rising its meaning and solidifying it in the popular imagination.

Key Words: Eclectic Architecture; Edified Material Heritage; Intangible Heritage; Memory; Picuí.



LISTA DE FIGURAS

Figura 01: Sobrado Coronel Manoel Lucas.....	15
Figura 02: Filme "Tempos Modernos"	25
Figura 03: Detalhe da platibanda da Residência Eclética José Pereira Resende.....	27
Figura 04: Detalhe da platibanda da Residência Eclética José Pereira Resende.....	27
Figura 05: Mapa do traçado alterado para a abertura da Avenue de L’Opera, na linha vermelho a demarcação da Rue des Moulins.....	29
Figura 06: Ópera de Paris.....	30
Figura 07: O palacete do barão de São Luis na Praça Cel. Pedro Osório em Pelotas-RS.....	32
Figura 08: Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.....	33
Figura 09: Alargamento da Rua Uruguaiana,1905.....	34
Figura 10: Sobrados ecléticos do lado ímpar da Rua Uruguaiana.....	35
Figura 11: Sobrados, do lado ímpar, repletos de ornamentos como frontões e balaústres nas varandas.....	36
Figura 12: Lado par da Rua Uruguaiana.....	36
Figura 13: Coreto da Praça Venâncio Neiva.....	37
Figura 14: Casarão eclético na Rua das Trincheiras em João Pessoa – PB.....	38
Figura 15: Residência Eclética em Campina Grande-PB.....	39
Figura 16: Sobrados ecléticos em Alagoa Grande-PB.....	39
Figura 17: Restauração no Casarão dos Azulejos feita pela Oficina-Escola de Revitalização do Patrimônio Cultural de João Pessoa em 1995.....	41
Figura 18: Portas com caixilharia envidraçada do segundo pavimento do Casarão dos Azulejos.....	41
Figura 19: Casarão dos Azulejos - Vista da Rua Conselheiro Henrique.....	42
Figura 20: O Casarão dos Azulejos – Vista da Rua Visconde de Pelotas.....	43

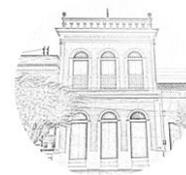


Figura 21: Fotografia feita a partir de uma das extremidades da antiga Rua Coronel Lordão.....	47
Figura 22: Atual Igreja Matriz de São Sebastião.....	48
Figura 23: Coronel Manoel Lucas, primeiro prefeito do Município de Picuí.....	49
Figura 24: Sobrado Coronel Antônio Xavier.....	50
Figura 25: Antes e depois da rua Cel. Lordão, atual praça João Pessoa.....	55
Figura 26: Janela obstruída do segundo pavimento do sobrado.....	57
Figura 27: Sobrado do Coronel Manoel Lucas em Picuí – PB.....	60
Figura 28: Azulejos portugueses na igreja de São Francisco em João Pessoa – PB.....	61
Figura 29: Edificações com fachada revestida por azulejos em São Luís – MA.....	62
Figura 30: Azulejo francês com carimbo da Fábrica Fourmaintraux Hornoy de Desvres.....	62
Figura 31: Azulejos Portugueses, 1900 (à direita). Azulejos franceses, 1877 (à esquerda)	63
Figura 32: Azulejos do sobrado do Coronel Manoel Lucas de Macedo.....	64
Figura 33: Sobrado do Coronel Manoel Lucas de Macedo, com demarcação dos azulejos réplicas.....	64
Figura 34: Platibanda do Sobrado do Cel. Manoel Lucas de Macedo com destaque para as representações de colunas dóricas unidas por pequenos arcos plenos.....	65
Figura 35: Pinha portuguesa do sobrado do Coronel Manoel Lucas de Macedo.....	66
Figura 36: Pinha portuguesa do sobrado do Coronel Manoel Lucas de Macedo.....	67
Figura 37: Pinha portuguesa do sobrado do Coronel Manoel Lucas de Macedo.....	67
Figura 38: Gradis das pequenas sacadas do sobrado do coronel Manoel Lucas de Macedo.....	69
Figura 39: À direita portas do segundo pavimento do sobrado e à esquerda portas internas para acesso aos quartos.....	70

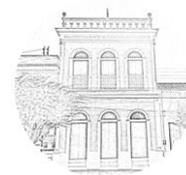


Figura 40: Portas de um dos quartos do segundo pavimento do sobrado com bandeiras de ferro.....	70
Figura 41: Janela de madeira com bandeira de vidro.....	71
Figura 42: Esboço da planta do 1º pavimento do sobrado.....	73
Figura 43: Esboço da planta baixa do 2º pavimento do sobrado.....	74
Figura 44: Esboço da planta baixa do 3º pavimento do sobrado.....	75
Figura 45: Escada do sobrado.....	80
Figura 46: Um dos quartos do terceiro pavimento.....	81
Figura 47: Corredor do terceiro pavimento do sobrado.....	81
Figura 48: Foto de mulheres em cima dos paralelepípedos, com a presença do sobrado nos fundos.....	82
Figura 49: Corredor térreo do sobrado.....	83
Figura 50: Prefeito Basto Cazuzza recebendo Felipe Tiago Gomes.....	84
Figura 51: Corredor do segundo pavimento.....	85
Figura 52: Sala do segundo pavimento do sobrado.....	86
Figura 53: Praça João Pessoa.....	87
Figura 54: Praça João Pessoa.....	88
Figura 55: Página do sobrado no instagram.....	91
Figura 56: Postagens apresentando o edifício e o trabalho.....	91
Figura 57: Alguns comentários feitos em publicações da página do sobrado.....	92
Figura 58: Enquetes feitas no instagram do sobrado.....	92



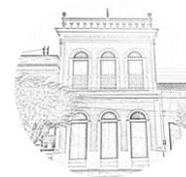
LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

C. M. L. M. Coronel Manoel Lucas de Macedo.....	20
IPHAEP Instituto do Patrimônio Históricos e Artístico da Paraíba.....	22



LISTA DE MAPAS

Mapa 01: Localização da município Picuí.....	45
Mapa 02: Localização do prédio Sobrado do Coronel Manoel Lucas.....	51
Mapa 03: Hierarquia das vias da cidade de Picuí.....	52
Mapa 04: Fluxos com a direção das vias e a intensidade do trânsito.....	53
Mapa 05: Uso e Ocupação do solo.....	54
Mapa 06: Edificações ecléticas.....	56
Mapa 07: Gabarito.....	58
Mapa 08: Vegetação.....	59



SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	15
1.1. Justificativa	19
1.2. Objetivo geral	21
1.3. Objetivo específico.....	21
1.4. Metodologia.....	21
1.5. Estruturação do Trabalho	22
2. ECLETISMO.....	25
2.1. Ópera Garnier.....	28
2.2. Ecletismo no Brasil.....	31
2.2.1. Sobrados Ecléticos da Rua Uruguaiana – Rio de Janeiro	33
2.3. Ecletismo na Paraíba.....	37
2.3.1. Casarão dos azulejos – João Pessoa.....	40
3. O SOBRADO DO CORONEL MANOEL LUCAS DE MACEDO	45
3.1. Picuí e o cel. Manoel Lucas de Macedo.....	45
3.2. Contextualização urbanística de Picuí e do sobrado	51
3.3. Arquitetura do sobrado.....	59
3.3.1. Azulejos Franceses.....	59
3.3.2. A Platibanda com as pinhas portuguesas.....	65
3.3.3. O ferro e o vidro nas esquadrias do sobrado.....	68
3.3.4. Tipologia arquitetônica.....	71
4. UM ESTUDO SOBRE AS MEMÓRIAS DA POPULAÇÃO PICUIENSE EM VISTA DO SOBRADO	77
4.1 A memória e sua relação com os espaços.....	77
4.2 Memórias não registradas.....	78
4.2.1 Relatos	79
4.3 Propagação dos registros arquitetônicos e da memória.....	90
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	94
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	96
7. APÊNDICE – MAPA DE EDIFICAÇÕES ECLÉTICAS.....	101

1. INTRODUÇÃO

O Sobrado do Coronel Manoel Lucas de Macedo está localizado na cidade de Picuí, na microrregião do Seridó Ocidental Paraibano, a 244 km da capital do Estado – João Pessoa – e a 122 km de Campina Grande. Foi construído no centro da cidade e margeia um de seus principais espaços públicos, a praça João Pessoa. É um dos poucos edifícios históricos do município. Passou por diversos usos, desde o residencial ao de serviços, quando sediou a prefeitura do município.

Figura 01: Sobrado Coronel Manoel Lucas – Picuí, PB. 2020.



Fonte: Acervo pessoal da autora.

O prédio também passou por um período de abandono, mas no ano de 2016 voltou a receber a população em alguns eventos, retomando a atenção e o cuidado. Estas atividades que passaram a acontecer ofereciam aos visitantes exposições fotos da antiga Picuí e breves apresentações sobre o sobrado. Assim, o espaço voltou a fazer parte do cotidiano dos cidadãos, sendo conservado por parte de usuários e proprietários – foi gerado um sentimento de apropriação do lugar. Segundo Moreira (2009, p. 35):

São as pessoas e o uso que elas fazem dos espaços que conferem a estes uma diferenciação, pois é através de suas memórias que se estabelecem as conexões entre o construído e os fatos que constroem os mitos e tradições da vida urbana.

O patrimônio cultural e o sentimento de apropriação coexistem ao decorrer dos anos de acordo Santos e Moraes (2015, p. 26), podendo ser comparados a **expressão popular** “dois lados de uma mesma moeda”. A partir deles descendem outros fatores, por exemplo a identidade e a pertencimento em relação aos bens. Elementos de primazia para proteção dos edifícios e sítios históricos. Segundo Funari e Pelegrini (2008, p. 28):

O patrimônio cultural associou-se nos séculos XVIII e XIX com a nação, com a escolha daquilo que representaria a nacionalidade, na forma de monumentos, edifícios ou outras formas de expressão. Podiam ser objetos antigos, como construções modernas ou, mais provavelmente, uma mescla nova de ambos.

Dados os sentimentos de identificação, pertencimento e apropriação, todo o processo de proteção do patrimônio se desenvolve. Pois quando o indivíduo entende o valor do pertencimento, gera-se a apropriação, estes fatos são fortalecidos, principalmente, pelo reconhecimento e identificação das suas histórias nos bens. Todo o processo tem como resultado uma maior utilização desses espaços. Essas vivências passam então a gerar memórias, e corroborando com a fala de Oosterbeek (2007, p. 136) citado por Santos e Moraes (2015, p. 28) “O patrimônio tem a ver com a memória(...)”.

A memória é, em poucas palavras, um documento vivo. Responsável por transmitir a história ao longo dos séculos, perpetuando culturas e protegendo o patrimônio (leia-se herança transmitida de uma geração para a outra). Os conhecimentos e lembranças coletados sobre o sobrado, aqui estudado, terão como finalidade fortificar o conceito de que a memória, seja individual ou coletiva, tem uma incomensurável relevância no papel da proteção dos edifícios e conjuntos históricos.

[...] o compartilhamento da memória não pode ser entendido como um simples repasse de informações, mas como um “lembrar junto”. Reconhece-se que é possível confrontar lembranças entre indivíduos, o que, aliás, ajuda a confirmá-las e fortalecê-las (MOREIRA, 2009, p. 24).

Essas reminiscências podem ser configuradas como um patrimônio imaterial, termo concebido no final do século XX, reconhecido pela constituição federal. O

referencial de patrimônio passara então por mudanças, reconhecia-se a importância também do cultural, e agora era visto como algo mais abrangente, que vai além dos bens físicos.

Entende-se por “patrimônio cultural imaterial” as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas - junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados - que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural. Este patrimônio cultural imaterial, que se transmite de geração em geração, é constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza e de sua história, gerando um sentimento de identidade e continuidade e contribuindo assim para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana. Para os fins da presente Convenção, será levado em conta apenas o patrimônio cultural imaterial que seja compatível com os instrumentos internacionais de direitos humanos existentes e com os imperativos de respeito mútuo entre comunidades, grupos e indivíduos, e do desenvolvimento sustentável (UNESCO, 2006, p. 4).

A memória pode funcionar como um agente na proteção dos bens, pois esta permite que os conhecimentos acerca destes estejam sempre presentes, além das informações sobre sua arquitetura e seus detalhes construtivos. Ela permite que as histórias, as lembranças adquiridas com as experiências vividas, sejam repassadas por gerações.

A iniciativa de tentar proteger as histórias e a integridade das memórias e dos bens patrimoniais vem se tornando imprescindível, pois na “contemporaneidade” tais obras do passado sofrem abandono mediante a modernização dos espaços, dos sistemas construtivos, da pluralidade de usos, e das estéticas minimalistas, que vem se sobressaindo e tomando o espaço das cidades a algumas décadas.

Talvez o exemplo mais claro dessa luta contra a lembrança materializada seja São Paulo, essa megalópolis, cujo crescimento não encontra paralelos. Ainda que fundada em 1554, continuou a ser uma cidadezinha até fins do século XIX, até tornar-se, 3 nestes últimos cem anos, a maior cidade do hemisfério sul. Nesse processo, restos antigos sofreram constantes degradações ideológicas e físicas, sendo construídos novos edifícios para criar uma cidade completamente nova. Os edifícios históricos, se assim se pode falar, são a Catedral e o Parque Modernista do Ibirapuera, planejado por Niemeyer, ambos inaugurados em 1954 para comemorar os quatrocentos anos da cidade. Os principais prédios públicos, como o Palácio dos Bandeirantes, sede do governo do Estado de São Paulo ou o Palácio Nove de Julho, que abriga a Assembléia Legislativa do Estado, são, também, muito recentes e a mais importante avenida, a Paulista, fundada em fins do século XIX como um bastião de mansões

aristocráticas, foi totalmente remodelada na década de 1970 (FUNARI, 2001, p. 3).

A exemplo disto, a arquitetura moderna chegou ao Brasil no século XX e desde então passou a ser expressada nas novas edificações, e até mesmo de cidades inteiras, é o caso de Brasília, construída nos moldes deste estilo. Mas o que se evidencia é que isto modificou o panorama histórico brasileiro, pois segundo Funari (2001, p.3) “Mesmo em cidades coloniais, algumas delas bem conhecidas no exterior, como Ouro Preto, declarada Patrimônio da Humanidade, a modernidade está sempre presente, por desejo de seus habitantes”.

Essas aderências as novidades arquitetônicas passaram então a ser cada vez mais frequentes, conseguindo se interiorizar. Nas cidades do interior as novidades chegavam e a população começava a mudar seus conceitos e desejos, esquecendo as edificações antigas, modificando a arquitetura dos bens, podendo até “apagá-los” (destruí-los) da paisagem. É o caso de Alagoa Grande interior da Paraíba que, relatado por Souza (2019, p.75), tem alguns de seus exemplares assolados por problemáticas como a descaracterização.

(...)esse patrimônio arquitetônico ali identificado, o qual, tendo seu período áureo entre o final do século XIX e primeira metade do século XX, passou a ser alterado, descaracterizado, ou mesmo mutilado, devido ao desconhecimento por parte da população acerca seu valor enquanto história e memória.

Essas mudanças foram se tornando corriqueiras, e presenciamos cada vez mais a sobreposição do novo ao antigo. Essa sobreposição de uma tendência frente a outra vem aumentando a preocupação das pessoas que prezam pelo patrimônio, isto tendo em vista que, em todo o Brasil e principalmente nas cidades do interior, onde muitos dos bens históricos ainda se encontram legislativamente desamparados (leia-se sem amparo legal de proteção).

No município de Picuí, o Sobrado – objeto de estudo deste trabalho, é um bem ainda desprotegido legalmente, por isto existe por parte da autora o sentimento da necessidade da preservação da história e memória deste, que é um exemplar da arquitetura eclética do início do século XX. Estilo que surgiu na Europa, apoiado pela burguesia em ascensão e foi uma vertente da arquitetura que mesclava, em uma mesma edificação, particularidades de estilos passados. Segundo Bonametti (2006, p.3):

Pode-se definir o ecletismo como o desenho feito em muitos estilos, mais especificamente a prática de selecionar o melhor dentre vários estilos tentando criar um estilo de maior perfeição. Nele percebe-se uma reavaliação de conceitos e teve fator relevante, a revisão dos princípios e valores dos estilos passados.

Este bem histórico picuense traz em sua arquitetura características desta tipologia, a mescla de estilos. Sua composição: fachada azulejada, os gradis de ferro delimitando as 'varandinhas' e as pinhas portuguesas coroando a platibanda, são elementos que, ainda no século XXI, retêm os olhares dos admiradores do estilo e estudiosos da área.

1.2 Justificativa

O patrimônio cultural tem sofrido ao longo do tempo com descaso (abandono) e falta de reconhecimento (identificação) da população, principalmente quando se tratam de obras localizadas nos interiores dos estados. O abandono financeiro e emocional tem assolado edificações interioranas, exemplares de uma arquitetura que marcaram vidas e épocas, que “carregam” e contam histórias, e que são “encharcadas” de técnicas construtivas, e elementos estéticos e culturais, que não são mais vistos.

Segundo o pensamento de Lira (1997) e Sebastião (1998), citados por Funari (2001, p.3), é também um dos motivos para a deterioração dos monumentos históricos em cidades coloniais a falta de manutenção. Além disto, Funari (2001, p.3) também menciona, como fator para estas degradações, a alienação da população a respeito dos bens históricos, que acreditamos ser um fato associado à ausência de identificação que a pessoas sentem a respeito destes.

É perceptível que dados motivos também se encaixam na problemática de proteção aos bens históricos nas cidades do interior. A falta de manutenção e o pouco, ou nulo, entendimento dos cidadãos sobre a importância dos edifícios históricos tem causado danos a estes. Tais degradações podem ser ocasionadas desde algumas modificações nos bens, até casos extremos, como demolições.

Outro fator é que as edificações interioranas, ainda no século XXI, encontram-se em um grau de submissão aos exemplares localizados nas capitais dos estados. Nestas localidades, concentram-se modelos de diversos estilos, em maiores escalas e com uma maior visibilidade. Estas características, acreditamos pesar bastante no

juízo, por parte dos órgãos de proteção, no que se refere a relevância das obras e da necessidade de tombamento destas.

É ainda importante salientar, em relação a supremacia de determinadas edificações sobre outras, que ainda de acordo com Funari (2001, p. 3-4):

[...] desde o início houve sempre dois grupos de pessoas no país, os poderosos, com sua cultura material esplendorosa, cuja memória e monumentos são dignos de reverência e preservação e os vestígios esqueléticos dos subalternos, dignos de desdém e desprezo.

O município de Picuí no interior da Paraíba, não muito diferente de outros municípios do interior, tem seus principais exemplares arquitetônicos pouco valorizados. Alguns já foram demolidos, confirmando a necessidade da educação patrimonial, que poderia evitar tais acontecimentos, pois a falta de conhecimento gera a desvalorização e a perda. O abandono também pode ser representado pela ausência do valor afetivo, este pode salvar inúmeras vezes o patrimônio da especulação imobiliária e de outros agentes que assombram as obras que resistem.

Dentre estas dificuldades, observa-se a ação do tempo e a falta de cuidado. Tais influências podem destruir o bem e sua memória, fazendo com que haja uma perda gradual do que havia sido solidificado ao longo tempo. Por isto, faz-se necessário concretizar o sentimento de pertencimento, apropriação e preservação, estes que podem ser efetivados através de inventários, que registram e divulgam a arquitetura e sua história. Com isto, é esperado que as futuras gerações também possam desfrutar destes conhecimentos.

Na cidade de Picuí, o Sobrado do C. M. L. M. (Coronel Manoel Lucas de Macedo) resiste ao tempo e continua a ser parte essencial da sua paisagem, contando, por meio de sua arquitetura, parte da história do município. Seus detalhes do período eclético brasileiro mostram que a Picuí dos anos 1908, embora pouco avançada economicamente, dispôs de exemplares arquitetônicos tão expressivos e complexos, tendo como parâmetro os modelos até então existentes na cidade.

Considerando todos os pontos, é possível fortalecer e afirmar a preocupação de documentar o sobrado, e através dos registros arquitetônicos, fotográficos e da sua memória eternizá-lo. Como consequência destas medidas de apontamento da obra é esperado que a importância do sobrado seja também elevada ao grau de pertencimento e que gere um cuidado maior por parte de toda a população, que pode

criar/reavivar seu sentimento pelo mesmo, isto que será aliado com a criação de uma página virtual (Instagram) para propagação do conteúdo estudado.

1.3 Objetivo Geral

Estudar a história, a arquitetura, e a memória, salvaguardadas pelo edifício histórico Sobrado do Coronel Manoel Lucas de Macedo, localizado no município de Picuí-PB, considerando sua importância afetiva construída pelos cidadãos Picuienses, ao longo de seus 112 anos de existência.

1.4 Objetivos Específicos

- Registrar a memória cultural, social, arquitetônica e afetiva do sobrado, ao longo de seus 112 anos de existência;
- Resgatar a importância desta edificação, não somente como elemento arquitetônico e urbanístico, mas também pela importância social, histórica e coletiva;
- Apresentar um registro de seus elementos simbólicos (estruturas, arquitetura, história), aliando o discurso técnico com memória dos moradores e demais cidadãos.

4.2. Metodologia

A elaboração do presente trabalho contará com etapas de revisão bibliográfica, pesquisas de campo, levantamentos métricos e fotográficos, além de pesquisa informal acerca da relevância do edifício Sobrado C. M. L. M. para os cidadãos Picuienses.

Inicialmente, com a pesquisa bibliográfica é esperado que o conhecimento a respeito do tema seja aprofundado, com base em artigos, livros, revistas e demais periódicos, visando entender melhor o universo do patrimônio histórico e arquitetônico do bem patrimonial, para fins de fundamentação da tese.

A fase de levantamentos métricos, que resultarão em esboços da planta, e fotográficos tem como principal objetivo registrar e documentar, levando em consideração que o seu desamparo perante legislação pode acarretar futuras degenerações à obra. Esta etapa também se faz necessária a fim de unificar os relatos históricos com os documentos acerca da obra.

Para compreender o estado atual e os desdobramentos futuros do mesmo, é imprescindível a consulta à legislação vigente, referente aos bens tombados, para fins de avaliação do bem. Neste ponto será levado em consideração também bens já legalmente protegidos pelo Instituto do Patrimônio Históricos e Artístico da Paraíba (IPHAEP) que se encontram em condições semelhantes ao objeto estudado neste trabalho.

Consideraremos a conversa informal¹, levantamento de memórias, narrações pessoais, que buscará demonstrar a importância do bem, não somente como um objeto de interesse patrimonial, mas de apreensão popular, de trato comunitário e afetivo, mostrando a relevância e as memórias afetivas dos Picuienses sobre este.

Como produto final deste trabalho, iremos apresentar também a divulgação virtual do material estudado. Esta proposta é validada, em meio ao 'consumo' rápido de informação trazido pelas redes sociais, o que também nos reporta à inserção de uma linguagem simples e objetiva, que permite não somente a divulgação do que aqui fora apreendido, mas também da democratização da memória do objeto de estudo, da história da cidade e de seus cidadãos.

4.3. Estruturação do Trabalho

Considerando tudo o que foi visto até aqui, foi decidido que o trabalho irá se estruturar em 5 capítulos, sendo o primeiro a introdução, no qual será apresentado o tema e a estrutura deste estudo, e o último as considerações finais, em que analisaremos se os objetivos pretendidos foram alcançados. Os demais serão apresentados segundo cada conteúdo como se segue:

O 2º capítulo será constituído por pesquisas e informações que trazem o embasamento teórico para o trabalho. Questões relacionadas ao ecletismo, quando e como o estilo surgiu e principalmente, de que forma aconteceu e se desenvolveu no Brasil e interiores brasileiros, desta forma servindo para contextualizar a obra e a região em que está inserida.

O 3º capítulo será para apresentação do Sobrado do Coronel Manoel Lucas, sua trajetória ao longo dos anos e um estudo mais aprofundado a respeito de seus

¹ Tendo em vista o período de isolamento social, em virtude da pandemia mundial, não é proposição deste estudo, realizar uma pesquisa populacional com índices regulamentadores dos indivíduos, mas apenas conversas informais que aqueles que se discuem a, livremente, expor suas memórias.

elementos arquitetônicos, estrutura e implantação. O capítulo contará e servirá como inventário do bem.

O 4º capítulo será o objeto final de estudo que envolve a pesquisa sobre a influência da edificação sobre a população Picuiense. Nesta terceira parte demonstraremos como o Sobrado vem sendo apreendido na vida e nas memórias das pessoas no decorrer do tempo, unindo os relatos à análise técnica pré-estabelecida. Assim, será possível compreender a importância e a representatividade que o bem tem para o cidadão, não somente enquanto um patrimônio de caráter material e edificado, mas no tocante de seu valor sentimental, as memórias que guarda e as vivências que revela.

O Ecletismo e o desenvolvimento das cidades

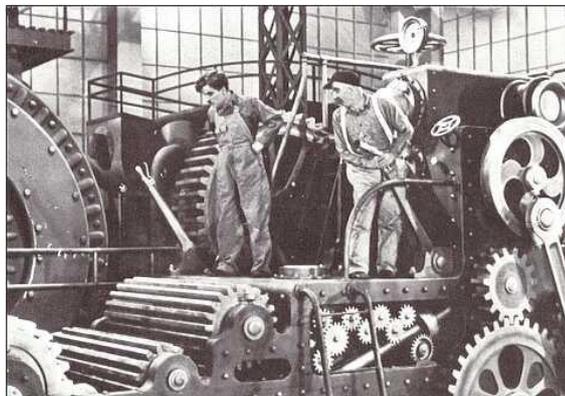
2. ECLETISMO

O Ecletismo foi um estilo nascido na Europa entre meados do século XIX e se estendeu por parte do século XX. Porém, é importante mencionar que para alguns autores, como Patetta (1987, p.10), esta tipologia se inicia a partir do século XVIII, época da revolução francesa. Acreditamos que tal informação se dê pelo fato de que este momento histórico desencadeou diversas mudanças no que tange os ideais da população a respeito de questões como expressão e liberdade, pontos que contemplam o ecletismo.

Mas foi com a revolução industrial, iniciada na Inglaterra, que as edificações ecléticas começaram a surgir. Os novos edifícios que passaram a compor as paisagens das cidades podem ser entendidos como frutos deste movimento. A revolução industrial permitiu que o estilo se desenvolvesse, já que agora fatores como a produção em série e a chegada de novos materiais como o concreto, concreto armado, aço, ferro, ferro fundido, facilitavam e diversificavam as formas de construir.

O novo panorama ditado pela revolução industrial e social gerou uma multiplicidade de novos temas edifícios e alterou radicalmente a infraestrutura arquitetônica. O aporte das novas descobertas técnicas favoreceu o aparecimento de uma arquitetura com caráter científico e tecnológico. Ao mesmo tempo, agravou a dicotomia existente entre a arquitetura como ciência e a arquitetura como arte. Os arquitetos, ao utilizar sem preconceitos todos os recursos dos novos materiais e ao explorar as potencialidades das tecnologias para solucionar os novos tipos de edificação, descobriram os valores das diferentes arquiteturas dos séculos passados (PEDONE, 2005, p.130)

Figura 02: Filme "Tempos Modernos" em 1936, ilustrando o maquinário da primeira revolução industrial.



Fonte: Portos & Mercados².

² Disponível em: <<https://www.portosmercados.com.br/tempos-modernos-mas-nem-tanto/>>. Acesso em abr. 2020.

O acelerado processo de urbanização ocasionado pela revolução industrial, quando a população migra da zona rural e se estabelece nas cidades, passou a modificar modos de vida dos cidadãos europeus. A economia em desenvolvimento (ascendente), com as novidades do mercado, faz com que mude o ritmo e o cotidiano destes, de acordo com Cavalcante e Silva (2011, p. 3) começa um período de excesso de mão de obra barata. Este panorama favorece determinados grupos e reflete as novas oportunidades socioeconômicas destes.

A Revolução Industrial vai além da idéia de grande desenvolvimento dos mecanismos tecnológica aplicados à produção, na medida em que: consolidou o capitalismo; aumentou de forma rapidíssima a produtividade do trabalho; originou novos comportamentos sociais, novas formas de acumulação de capital, novos modelos políticos e uma nova visão do mundo; e talvez o mais importante, contribuiu de maneira decisiva para dividir a imensa maioria das sociedades humanas em duas classes sociais opostas e antagônicas: a burguesia capitalista e o proletariado (CAVALCANTE; SILVA, 2011, p. 4).

Neste contexto, em meio a “turbulenta” revolução industrial, entra em cena a burguesia em ascensão. Com a mudança de cenário, emerge uma classe social que se torna detentora do poderio econômico, e que busca elementos que possam representar seu atual *status*. É então que o ecletismo vem como retentor da solução para tais objetivos. E conforme Schlee (1993, p.14) este estilo “(...)deve ser encarado como manifestação de uma classe burguesa que se afirmar no poder e necessitava criar seus próprios códigos formais”.

Consolidado por tal camada, o supracitado estilo passa a ser usado por esta na busca de maneiras que demonstrem o seu poder aquisitivo. Assim, o ecletismo que esbanjava nas obras arquitetônicas diversos detalhes (leia-se adornos e estruturas), atraía a atenção pela composição “exótica”. Os detalhes eram pensados com o objetivo de revelar “entrelinhas” as histórias de seus donos ou dos serviços que determinada edificação sediava, é ainda mencionado por Lorenzoni (2015, p. 2) “(...) como “arquitetura falante”, pois se pode ler através desses elementos carregados de significados, a função do edifício”.

(...) coloca-nos de imediato no centro de uma das questões fundamentais do ecletismo- a da representação, a da teatralização da vida. Não é por acaso que sua manifestação mais importante se concentra na fachada. A idéia dominante do século XIX é de que a arquitetura deve ser representativa, de que deve evidenciar através da forma exterior e da estrutura o status de seu ocupante, seja ele o Estado, seja ele o indivíduo particular. E por isso que a decoração se torna um elemento indispensável a ser usado em larga escala, que se

multiplica a função ilusionista dos materiais, que o erudito e o pitoresco se mesclam: é necessário sublinhar o caráter de obra de arte total inerente à cidade e nada é mais adequado do que pontilho-la de monumentos (FABRIS, 1993, p.134)

De acordo com Lorenzoni (2015, p. 3) estes vários elementos são em grande parte símbolos de outras arquiteturas, que no eclético são mesclados na mesma edificação, desde o mais rebuscado como o barroco, à “simplicidade” do clássico. As edificações com frontões que sinalizavam sua entrada principal, provinham aspectos de magnitude ao edifício; exemplares com floreios na decoração das platibandas, além das novas formas e coroamento destas que se tornaram habituais (ver figuras 02 e 03).

Figura 03: Platibanda da Residência Eclética José Pereira Resende no Goiás, s/d.



Fonte: Vitruvius – Autor Rafael Alves Pinto Junior³.

Figura 04: Platibanda da Residência Eclética José Pereira Resende no Goiás, s/d.



Fonte: Vitruvius – Autor Rafael Alves Pinto Junior⁴.

³ Disponível em:<<https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/20.234/7568>>. Acesso em abr. 2020

⁴ Disponível em:<<https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/20.234/7568>>. Acesso em abr. 2020

O eclético pode ser entendido e associado a um despertar de estilos passados, pois ele era isto: o retorno do que havia sido substituído anteriormente – retomando não somente ideias antigas, mas também configurações de culturas e lugares diversos. Porém, por mais que ele tenha trazido um “resgate do passado”, como outros estilos já o fizeram, o ecletismo se diferencia pois ele apresenta-se com uma readaptação ou até mesmo a ressignificação dos elementos, seja pela mescla destes ou pelas novas formas que estavam sendo construídos.

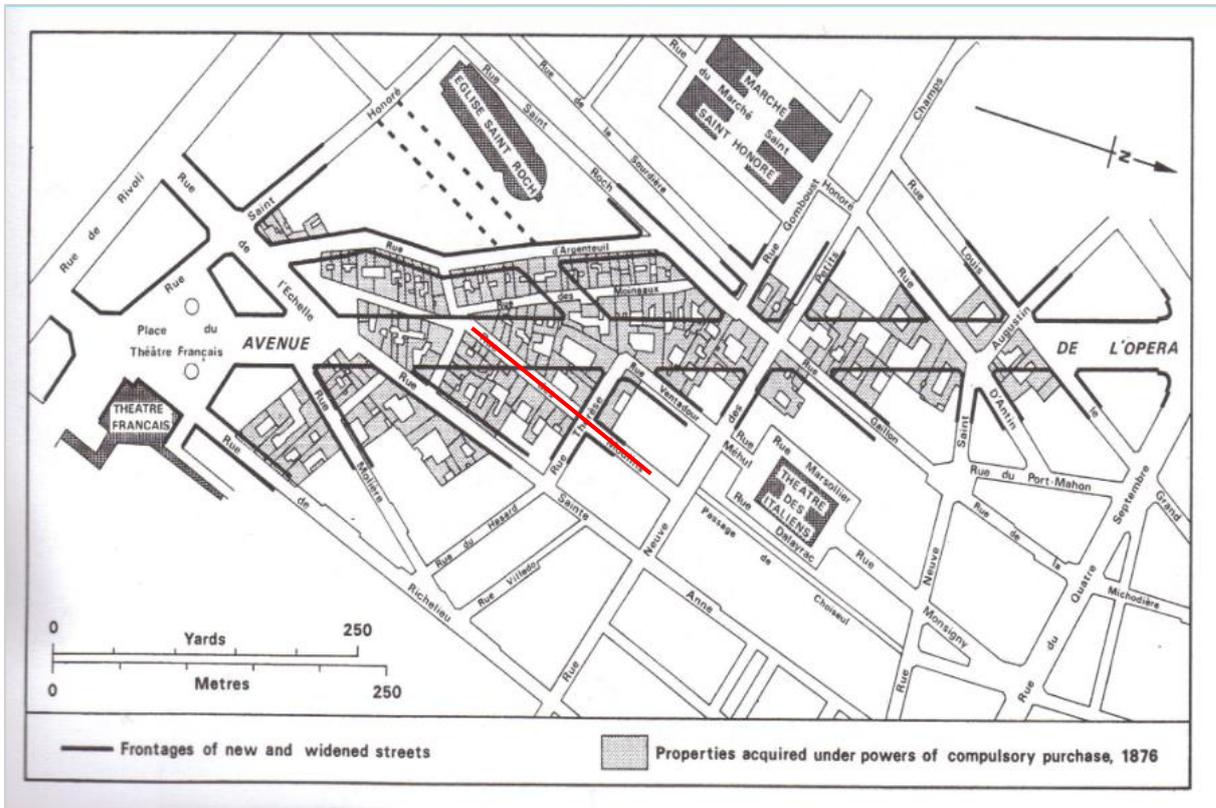
Em arquitetura, Ecletismo designa a atitude dos arquitetos do século XIX que utilizaram elementos escolhidos na história, com a intenção de produzir uma nova arquitetura. Eles se permitiram todas as doutrinas e teorias, pois pretendiam situar a arquitetura no seu tempo. Assim, o Ecletismo não foi uma forma, entre outras, de historicismo. Enquanto o historicismo buscou reviver um passado e construiu representações da história, inscrevendo a arquitetura moderna em um estilo antigo, o Ecletismo usou elementos e sistemas da história para inventar uma arquitetura adaptada aos novos tempos (PEDONE, 2005, p.127).

As edificações de estilo eclético se espalharam por toda a Europa e depois pelos demais continentes. O seu ápice foi na França, especificamente em Paris. Foi lá que o ecletismo se desenvolveu por toda a cidade, tornando-se posteriormente um símbolo do urbanismo mundial com os seus famosos “corredores verdes”, ou “*boulevards* parisienses”, que expressam uma preocupação paisagística, e grandes obras como o Palais Garnier, representando os novos tempos que foram instauradas com as reformas na capital francesa.

2.1 Ópera Garnier

A Ópera Garnier, ou Palais Garnier, foi uma construção resultante da renovação de Paris. Localizada no centro de cidade a ópera ocupa uma área de 11.000m², é um edifício imponente e foi implantado na convergência de três ruas. Durante as reformas Haussmann propôs modificações, como a da então Rue des Moulins, que viriam futuramente a abrir espaço para a Avenue de L’Opéra (ver figura 05). Esta avenida de quase 1 km é disposta em uma linha reta, composta por calçada largas e nenhuma arborização. Tais medidas fizeram com que a edificação viesse a obter uma maior visibilidade, sendo possível vislumbrá-la mesmo que a uma longa distância.

Figura 05: Mapa do traçado alterado para a abertura da Avenue de L'Opera em 1879, na linha vermelha a demarcação da Rue des Moulins.



Fonte: Paris Unplugged⁵ – Modificada pela autora (2020).

Para Patetta (1987, pag. 23) a Ópera é umas das edificações que: “(...) dominam a cena urbana, emergindo, não tauto em virtude do estilo ou da qualidade arquitetônica, como pela grandeza e pela exaltação das três dimensões”.

Sua fachada principal é voltada para a Place de l'Opéra e para a Avenue de l'Opéra. A nova maneira de construir do eclétismo permitiu ao artista a composição de uma obra repleta de adornos. As estatuas são elementos muito presentes, destacando-se principalmente as duas que estão nas extremidades da dita fachada (ver figura 06), intituladas “A Harmonia” (esquerda) e “A Poesia” (direita), de Charles Gumery. Os detalhes do entablamento com os frisos, as guirlandas e as medalhas vão preenchendo os espaços, compondo e dando significado a todo o conjunto.

⁵ Disponível em: <<https://www.paris-unplugged.fr/le-percement-de-lavenue-de-lopera/>>. Acesso em 12 de maio de 2020.

Figura 06: Ópera de Paris, s/d.⁶

Fonte: Ópera World⁷.

A edificação é disposta em grandes volumes que se encaixam e formam uma massa retangular. A simetria e a grandiosidade, características do estilo eclético, estão presentes e podem ser refletidas nos frontões, nas colunas e nos arcos, elementos que remetem ao estilo clássico. O Coroamento da edificação é feito por uma grande cúpula, um dos símbolos do renascimento, coberta de cobre, que adquiriu o tom esverdeado devido a sua oxidação. Os dois pavilhões laterais também recebem a mesma finalização, porém com cúpulas menores.

A magnitude do exterior é concluída com a exuberância do interior da Ópera. É nesta parte que o “exagero” luxuoso do barroco se faz presente. Garnier usou na elaboração desta parte do prédio materiais que pudessem expressar a riqueza do *Palais*. A escadaria monumental de mármore com as balaustradas, e o uso em larga de escala do veludo e do ouro compõe sua arquitetura flamejante.

O requinte da Ópera se difundiu por todo o mundo, e tanto a obra quanto a cidade em si passaram a inspirar inúmeros países. O Brasil foi um destes, o país também aderiu ao estilo eclético nascido com a Paris de Napoleão III. Esta tipologia arquitetônica surgiu inicialmente nas principais e maiores cidades, São Paulo e Rio de Janeiro. O estilo acompanhou, assim como em Paris, grandes reformas urbanísticas, e predominou não só em edifícios grandiosos, mas também na arquitetura residencial.

⁶ Na foto é possível ver as balaustradas, ao invés de gradis, da estação de metrô. O uso deste artifício foi pensado para que não houvesse contraste com a edificação.

⁷ Disponível em: <<https://www.operaworld.es/revolucion-la-opera-paris-atraer-publico-joven/>>. Acesso em 05 de maio de 2020.

2.2 O Eclétismo no Brasil

O estilo eclético surgiu no Brasil entre o final século XIX e permaneceu até as primeiras décadas do século XX. Suas diretrizes foram propagadas pela Academia Imperial de Belas Artes do Rio de Janeiro, posterior Escola Nacional de Belas Artes, desenvolvida em 1816 com a missão francesa. A academia inicialmente tinha uma didática neoclassicista, estilo que antecedeu o eclétismo no Rio de Janeiro. Com as bases dela surgiram outras instituições, por exemplo, o Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo –, cidade que também vivenciou a “onda” do eclétismo possibilitada pela sua cultura cafeeira.

Essa nova maneira de construir os edifícios, os modernos materiais e técnicas empregados e, ainda, a estética arquitetônica historicista eclética foram transpostos aos países periféricos como o Brasil. As classes dominantes na região norte, no centro do país e no sul, enriquecidas com as exportações da borracha, do café e do charque, respectivamente, se esforçaram em criar nos espaços coletivos das cidades dessas regiões uma cópia do mundo europeu, sinônimo de desenvolvimento e progresso (VEIGA; JAHNKE; SANTOS, 2014, p. 5).

O estilo se espalhou e se interiorizou pelo país. Estados como o Rio Grande do Sul e Minas Gerais contam com diversos exemplares do eclétismo, desde a arquitetura institucional à residencial. Nos interiores, mas não apenas nestes, o leque de edificações desta tipologia é composto em sua maioria por edifícios que não foram construídos no período, contudo, passaram por alterações e acréscimos de elementos que não condizem ao estilo original, concedendo a estes o título de edificações ecléticas.

No final do século XIX e início do século XX predomina no país a arquitetura de estilo eclético. As construções novas e algumas casas já existentes sofrem transformações na implantação no lote urbano e na composição de alguns elementos de fachada, mantendo, no entanto, a simetria na distribuição dos vãos de portas e janelas. Outras apresentam alterações apenas na ornamentação da fachada. A planta baixa apresenta a mesma estrutura de distribuição dos ambientes que, no entanto, apresentam recuos frontais e/ou laterais. Os beirais da arquitetura colonial, que jogavam águas pluviais diretamente no passeio público, são substituídos por platibandas, com recolhimento das águas através de calhas metálicas (FIGUEIREDO; VARUM; COSTA, 2012, p. 50)

Figura 07: O palacete do barão de São Luis na Praça Cel. Pedro Osório em Pelotas-RS, 2019. É possível ver o espaço do jardim e o porão alto, características do Eclétismo.



Fonte: Elementos funcionais e ornamentais da arquitetura eclética Pelotense: 1870-1931. Ferragens.⁸

Como dito anteriormente, grande parte das obras mais conhecidas da arquitetura eclética brasileira concentram-se nas grandes metrópoles, Rio de Janeiro e São Paulo. Edificações, como os seus Teatros Municipais, foram visivelmente influenciados pelas novidades que aconteceram na Europa. Deste modo, tendo isto como parâmetro, é possível afirmar que o eclétismo brasileiro foi a representação do que havia sido vivenciado em Paris durante o segundo império.

Assim como na capital Francesa, o Rio de Janeiro também passou por grandes mudanças na sua estrutura urbana, e para Del Brenna (1987) citada por Souza (2019, p. 32) “estas obras (...) marcam, de um lado, o ponto culminante do eclétismo arquitetônico”. Estas renovações urbanísticas aconteceram entre os anos de 1902-1906, quando a cidade carioca ainda era a capital brasileira. As medidas foram promovidas pelo atual prefeito Francisco Pereira Passos, e estas foram semelhantes, como reformulações de avenidas e ruas, as mudanças urbanísticas que Haussmann efetuou em Paris no século XIX.

Era fundamental dar à capital um ar cada vez mais cosmopolita, retomando tradições antigas e eliminando a mancha da escravidão que em muito contribuía, na visão de alguns, para dar à cidade um ar colonial. A ebulição em torno de uma cidade capital moderna, assentada em bases novas, se intensifica na década de 1870 quando

⁸ Disponível em: <<https://eclatismoempelotas.files.wordpress.com/2010/11/elementos-funcionais-e-ornamentais-da-arquitetura-ecletica-pelotense-1870-1931-ferragens.pdf>>. Acesso em 09 de maio de 2020.

se constituem as comissões de melhoramentos e se torna fundamental reformar o porto do Rio de Janeiro, como modo de intensificar a economia e os negócios com os mercados internacionais (RODRIGUES; MELLO, 2015, p. 22).

As alterações na malha urbana da cidade, que enfrentava sérios problemas viários e sanitários, ocasionaram a destruição de inúmeros bens patrimoniais descendentes do período colonial. A derrubada de edificações visava a construção de novas vias e extinção de vielas e becos. O ápice destas reformas urbanísticas foi a abertura da conhecida Avenida Central, atual Avenida Rio Branco, no centro. Nesta o ecletismo proliferou e lá estão a Biblioteca Nacional (ver figura 08), o Banco Central e outros vários prédios ecléticos.

Figura 08: Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, s/d.



Fonte: Catraca Livre⁹.

2.2.1 Sobrados Ecléticos da Rua Uruguaiana – Rio de Janeiro

Dentre os exemplos de desenho urbano transformado estava a Rua Uruguaiana, anterior Rua da Vala, na cidade do Rio de Janeiro. Um dos espaços mais antigos da cidade, passou por melhorias e teve sua configuração inicial alargada. Como consequência destas modificações, o logradouro passou a ser mais valorizado e a receber novos edifícios. Estes eram mais robustos e modernos, revelando as novidades arquitetônicas que surgiam, abarcando as construções já existentes. Entre os edifícios é possível encontrar sobrados ecléticos que compõem sua paisagem.

⁹ Disponível em: <<https://catracalivre.com.br/agenda/biblioteca-nacional-visita-gratuita-rio/>>. Acesso em 11 de maio de 2020.

Os sobrados são tipologias construtivas muito presente na arquitetura brasileira desde os tempos de colônia, e conforme explicado por Aragão (2017, p. 2016) estas edificações eram comumente habitadas por pessoas com maiores condições financeiras. Com dois ou mais pavimentos e várias portas e janelas, a maioria deles se estendem pelo lote ocupando a maior área possível. Parte dos sobrados da Rua Uruguaiana no Rio de Janeiro surgiram com a reforma urbanística que promoveu o alargamento desta, que segundo Paoli (2013, p. 29) “teve sua largura ampliada de 6,00 m para 17,00m”.

Figura 09: Alargamento da Rua Uruguaiana, 1905. Lado par (esquerdo) e lado ímpar (direito).



Fonte: Alma Carioca¹⁰.

O lado ímpar da via foi o escolhido para abrir espaço para as novas dimensões. Neste processo relatado por Paoli (2013, p. 31-32) existiram acordos por partes dos proprietários dos lotes com a prefeitura. Alguns dos moradores não estavam dispostos a fornecer seus terrenos, por isto foi acordado que eles poderiam permanecer com os seus prédios, porém parte do solo seria cedido para que o alargamento fosse efetuado. Alguns destes prédios continuaram com a mesma configuração, com mudanças apenas nas porções frontais decorridas da demolição para liberação do espaço.

(...)os edifícios que puderam ser “cortados” eram edifícios que atendiam os padrões da nova arquitetura num quesito considerado pela Prefeitura fundamental: a largura dos lotes. Esta largura permitia a produção de edifícios maiores, condizentes com a imagem de opulência que se queria produzir para a cidade naquele momento. Por outro lado, esta adaptação era possível porque a produção do novo apresentava fortes traços de continuidade em relação à arquitetura

¹⁰ Disponível em: <<https://almacarioca.wordpress.com/page/23/>>. Acesso em 18 de maio de 2020.

preexistente – no número de pavimentos das edificações, nas tipologias de plantas e fachadas, nas técnicas construtivas empregadas, nos materiais de construção (PAOLI, 2013, p. 34).

Com isto muitas fachadas foram alteradas, configurando um ecletismo de exterior da edificação, e até mesmo prédios inteiros já que também ocorreram demolições totais. O lado par, também passou por reformas, mas não tão intensas quanto o lado ímpar. Este cenário de remodelações e novas construções, algumas em lotes mais largos devido aos remembramentos, sediaram uma nova arquitetura baseada nas tendências do exterior, o ecletismo. A arquitetura eclética começou então a ser praticada nos sobrados da Rua Uruguaiana. Os excessos de detalhes e a junção de estilos podiam ser vistos por toda sua extensão.

Figura 10: Sobrados ecléticos do lado ímpar da Rua Uruguaiana, 2011. Em vermelho a técnica de bossagem na fachada, muito utilizada em edificações ecléticas.



Fonte: PAOLI, 2013, p. 33¹¹.

As platibandas, as simbologias nos ornamentos, bossagem nas paredes, arcos nas portas, frontões, gradis de ferro, balaústres e frisos são alguns elementos presentes nos sobrados. A Rua Uruguaiana é uma das mais puras representações do estilo quando aplicado nas edificações residenciais, construções pensadas e idealizadas com o partido da modernidade, que se tornaram no século XXI pontos diferenciais e que particularizam esta parte da cidade.

¹¹ Disponível em: <<http://wpro.rio.rj.gov.br/revistaagcrj/uma-outra-cultura-de-edificar-a-producao-da-nova-arquitetura-no-rio-de-janeiro-das-15-reformas-urbanas-de-pereira-passos-1902-1906/>>. Acesso em 18 de maio de 2020.

Figura 11: Sobrados, do lado ímpar, 2011. Repletos de ornamentos como frontões e balaústres nas varandas.



Fonte: PAOLI, 2013, p. 40¹².

Figura 12: Lado par da Rua Uruguaiana, 2011. Nota-se que este lado se concentram os sobrados em lotes mais estreitos.



Fonte: PAOLI, 2013, p. 41¹³.

Exemplos como os sobrados e o ecletismo da Rua Uruguaiana estão por todo o Brasil. O estilo sempre envolto em questões que dizem respeito à novas perspectivas e mudanças, é levado como a representação das situações atuais vividas pelas cidades. Assim como o Rio de Janeiro, a Paraíba também anuiu ao estilo e detém diversos exemplares, a exemplo o Teatro Santa Rosa, Tribunal de

¹² Disponível em: <<http://wpro.rio.rj.gov.br/revistaagcrj/uma-outra-cultura-de-edificar-a-producao-da-nova-arquitetura-no-rio-de-janeiro-das-15-reformas-urbanas-de-pereira-passos-1902-1906/>>. Acesso em 18 de maio de 2020.

¹³ Disponível em: <<http://wpro.rio.rj.gov.br/revistaagcrj/uma-outra-cultura-de-edificar-a-producao-da-nova-arquitetura-no-rio-de-janeiro-das-15-reformas-urbanas-de-pereira-passos-1902-1906/>>. Acesso em 18 de maio de 2020.

Justiça do Estado, residências como o Casarão dos Azulejos, localizados na capital paraibana, e outros mais espalhados por todo o estado.

2.3 Ecletismo na Paraíba

A arquitetura eclética da Paraíba surgiu após o período neoclássico, este que perdurou sobre a segunda metade do século XIX. Foi possibilitada pela alta prosperidade econômica advinda de atividades como o cultivo da cana de açúcar e depois, principalmente, do algodão. As edificações ecléticas no estado vigoraram entre o final do século XIX e parte do século XX. A capital – João Pessoa –, desenvolveu muitas construções nos moldes do estilo, que eram relativas ao simbolismo da modernidade que vivenciava, é o caso do Coreto da Praça Venâncio Neiva (ver figura 13).

Figura 13: Coreto da Praça Venâncio Neiva, 2007¹⁴.



Fonte: Flickr – Autor Eulampio Duarte¹⁵.

Construído no ano de 1917, o coreto foi objetivado como fonte de embelezamento da cidade. Outros espaços públicos também surgiram neste período, lugares como as praças, que representavam as mudanças de hábitos da sociedade antes enrustida nos costumes coloniais. Segundo Silva (1997, p. 174), em relação ao início do século XX, a cidade tornou-se “(...) mais espaçosa no Centro, com jardins, praças e coretos, para onde fluíam as pessoas a fim de se encontrarem e se divertirem, saindo então das casas e das igrejas”.

¹⁴ Circulado por balaústres que remetem ao período renascentista e colunas dóricas sustentando a arquitrave repleta de tríglifos que são referências a arquitetura greco-romana.

¹⁵ Disponível em: <<https://www.flickr.com/photos/valedaneblina/4185152330>>. Acesso em 22 de maio de 2020.

Além disto João Pessoa também passou por expansões territoriais, acontecimento que desencadeou o surgimento de muitas edificações com base na cultura higienista, reflexo do ecletismo. Casarões como os da Rua das Trincheiras, acolhiam as elites, que saíam das suas casas geminadas no centro da cidade. Verdadeiros palacetes, eram edificadas isoladamente no lote, com muitas janelas e portas que propiciavam um ambiente com maior ventilação e iluminação; na área externa os jardins particulares eram um encanto a parte.

Figura 14: Casarão eclético na Rua das Trincheiras em João Pessoa – PB, 2017¹⁶.



Fonte: Google Street View¹⁷.

Em contrapartida as cidades do interior, no século XX, conheciam uma nova rede ferroviária que viria a trazer muitos benefícios. Nesta época a implementação do trem atuava na facilitação do transporte de produtos, e junto a isto proporcionava a interações entre pessoas de diferentes localidades. De acordo com Mello (2005, p. 44) citado por Souza (2019, p. 13) “a vida social e cultural era um reflexo da chegada dos trilhos, que encurtava distâncias, escoava a produção, trazia cultura e modificava os costumes”.

Alagoa Grande e Campina Grande foram algumas destas cidades, já que tinham uma forte agricultura voltada à produção algodoeira, nas quais a rota férrea as tornou cidades “anfitriãs”. As novidades arquitetônicas chegavam com as pessoas, e ambas localidades começaram a produzir uma arquitetura ‘de mescla

¹⁶ Dentre os elementos da sua composição estão o porão alto, frontão decorado e colunas dóricas em relevo, estas são algumas das características muito presentes na arquitetura eclética.

¹⁷ Disponível em: < <https://www.google.com.br/maps/@-7.1270983,-34.884615,3a,75y,255.37h,90.67t/data=!3m6!1e1!3m4!1sNA8YmLr6u133McpkSB0cKQ!2e0!7i13312!8i6656>>. Acesso em 22 de maio 2020.

de estilos'. Embora a primeira tenha se sobressaído especialmente com exemplares do estilo Art Déco, conta ainda com construções ecléticas. A segunda tem seu centro histórico tombado pelo IPHAEP, e este é composto em sua maioria por exemplares do ecletismo.

Figura 15: Residência Eclética em Campina Grande – PB, 2018.



Fonte: Retalhos de Campina¹⁸.

Figura 16: Sobrados ecléticos em Alagoa Grande - PB, 2019. Entre eles o sobrado de azulejos portugueses e arcos ogivais que remetem ao estilo neogótico.



Fonte: Acervo de Geórgia Maria Ribeiro de Souza¹⁹.

Ao decorrer dos anos a maioria das cidades paraibanas passaram a utilizar como exemplo em suas construções as práticas do estilo. As inovações referenciadas na arquitetura europeia tornaram-se cada vez mais presentes. Ao

¹⁸ Quinhentos anos da casa brasileira: Transformações arquitetônicas na cidade Campina Grande. Disponível em: <<http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/handle/123456789/18211>>. Acesso em 23 de maio 2020

¹⁹ ALAGOA GRANDE: Um registro do seu patrimônio arquitetônico. Disponível em: <<https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/15810>>. Acesso em 23 de maio 2020.

contrário do início, quando atendia apenas a burguesia, segundo Souza (2019, p. 32-33) o ecletismo no Brasil foi adotado por muitas camadas sociais. E desenvolveu desde edificações completas até, apenas, pequenos acréscimos em detalhes nas fachadas.

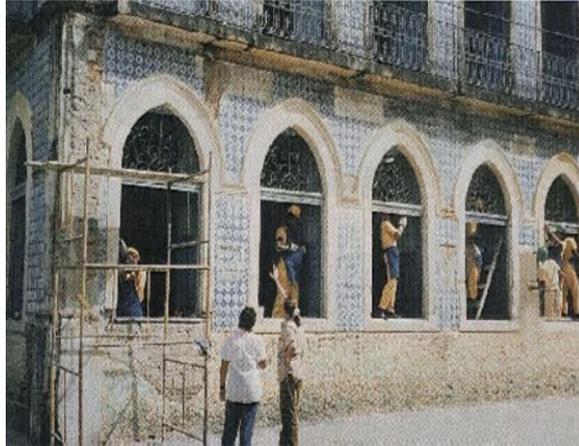
O ecletismo foi então disseminado na Paraíba, ocorrendo principalmente nos exteriores dos edifícios. Porém, novas construções, mesmo mantendo uma implantação colonial, traziam as novidades arquitetônicas ecléticas, é o caso do Sobrado dos Azulejos em João Pessoa.

2.3.1 Casarão dos Azulejos – João Pessoa

Datado do final do século XIX, compõe o acervo do centro histórico da capital paraibana. Com uma localização privilegiada, na Rua Conselheiro Henrique, estando a lateral do sobrado de frente a Igreja de Nossa Senhora do Carmo (Rua Visconde de Pelotas). Tombado pelo IPHAEP em 26 de agosto de 1980, o sobrado de dois pavimentos foi inicialmente residência do Comendador Santos Coelho e sua família. Durante anos abrigou outros usos, entre eles um restaurante.

Estas atividades geraram degradações, fazendo com que, posteriormente, esta necessitasse de procedimentos de restauro. Em 1995, o Governo do Estado associado a Oficina-Escola de Revitalização do Patrimônio Cultural de João Pessoa, iniciaram as primeiras restaurações que viriam a restituir a integridade estrutural do Casarão dos Azulejos. Em 2017 houveram novos procedimentos com a mesma finalidade, estes por parte do IPHAEP e da Secretaria de Cultura do Estado.

Figura 17: Restauração no Casarão dos Azulejos feita pela Oficina-Escola de Revitalização do Patrimônio Cultural de João Pessoa em 1995.



Fonte: UNISANTOS²⁰.

Com as duas principais fachadas (Rua Conselheiro Henrique e Rua Visconde de Pelotas) cobertas por azulejos azuis portugueses, vindos da fábrica de Devezas na cidade do Porto - PT, o casarão chama atenção e desponta como um dos exemplares ecléticos mais bonitos da Paraíba. Com implantação tipicamente colonial, sem recuos, conta apenas com um pequeno “jardim” em uma de suas laterais. Neste edifício o ecletismo aparece principalmente em detalhes externos. Suas portas e janelas são emolduradas por uma série de arcos ogivais, que fazem menção a arquitetura gótica (ver figura 18).

Figura 18: Portas com caixilharia envidraçada do segundo pavimento do Casarão dos Azulejos em João Pessoa, s/d.



Fonte: Porcelana Brasil²¹.

²⁰ Disponível

em: <<https://www.unisantos.br/pos/revistapatrimonio/artigos325b.html?cod=77&bibliografia=1&>>. Acesso em 24 de maio 2020.

²¹ Disponível em: <<http://porcelanabrasil.blogspot.com/2012/06/>>. Acesso em 24 de maio 2020.

O ferro é um material muito presente, estando nas bandeiras das esquadrias, nos guardas corpos das sacadas (ver figura 18) e no portão de acesso ao “jardim”, este ainda demarcado por um arco pleno originário da arquitetura romana e ladeado por volutas, que são símbolos do período barroco (ver figura 19), assim como os azulejos. Compõe também as fachadas representações de colunas dóricas que junto as cornijas no entablamento demarcam os pavimentos. A platibanda, além da decoração azulejada, tem detalhes de folhas em relevo e é finalizada por pináculos.

Figura 19: O Casarão dos Azulejos - Vista da Rua Conselheiro Henrique. Voluta demarcada no círculo vermelho, s/d.



Fonte: Acervo digital do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – Modificado pela autora (2020)²².

Este exemplar eclético composto por características de arquiteturas diversas, e construído com materiais e símbolos do ecletismo, demonstra o avanço da arquitetura paraibana rumo a modernidade que foi preliminarmente propalada no Brasil nas cidades do Rio de Janeiro e São Paulo.

²² Disponível

em: <http://acervodigital.iphan.gov.br/xmlui/discover?rpp=10&etal=0&filtertype_0=title&filtertype_1=format&filtertype_2=spatial&filter_relational_operator_1>equals&filter_relational_operator_0>equals&filter_r_2=Jo%C3%A3o+Pessoa%2C+Para%C3%ADba+%28PB%29&filter_1=Fotografias&filter_relational_operator_2>equals&filter_0=Sobrado+do+Comendador+Santos+Coelho>. Acesso em 24 de maio de 2020.

Figura 20: O Casarão dos Azulejos – Vista da Rua Visconde de Pelotas, s/d.



Fonte: Portal da Cultura²³.

Como mencionado anteriormente, esta forma de arquitetura se espalhou por todo o Brasil, atingindo todos os públicos. Edificações com morfologia análoga ao Casarão do Azulejos estão por várias cidades, fato que se comprova através nosso objeto de estudo, o Sobrado C. M. L. M. na cidade de Picuí - PB, este que se assemelha em múltiplos aspectos com o edifício supramencionado.

²³ Disponível em: <<http://thacker.diraol.eng.br/mirrors/www.cultura.gov.br/site/2009/02/10/sala-tomas-santa-rosa-em-joao-pessoa-abre-pauta-para-exposicoes/>>. Acesso em 24 de maio de 2020.

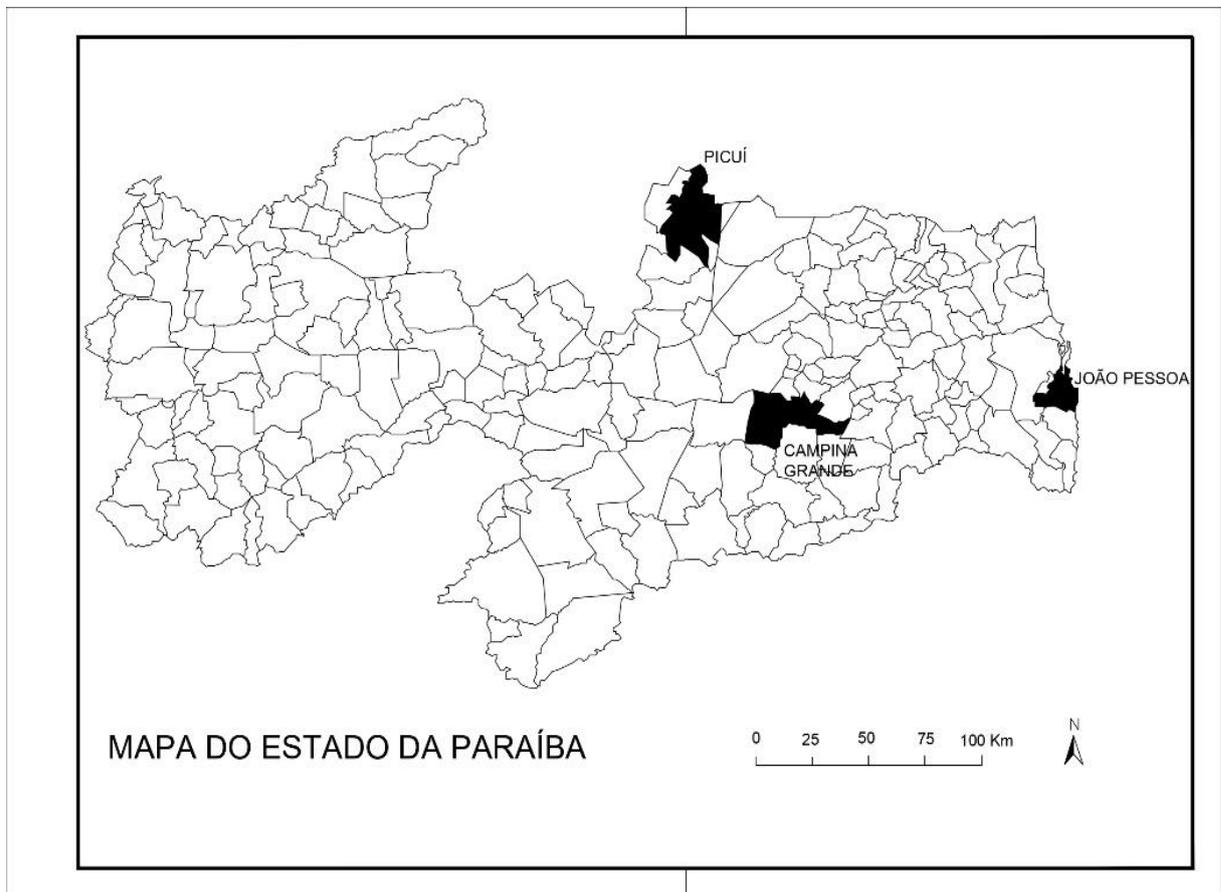
*A arquitetura eclética do Sobrado do Coronel Manoel Lucas na
cidade de Picuí-PB*

3. O SOBRADO DO CORONEL MANOEL LUCAS DE MACEDO

3.1 Picuí e o cel. Manoel Lucas de Macedo

O município de clima característico semiárido quente compõe a região centro norte do estado, e está especificamente na microrregião do Seridó Oriental Paraibano. Situada a uma distância de 244 km da capital – João Pessoa, fazendo divisa com o estado do Rio Grande Norte com a cidade de Carnaúba dos Dantas. De acordo com o censo do IBGE do ano de 2010, a cidade conta com 18.222 habitantes, distribuídos entre a zona urbana (aproximadamente 66%) e zona rural (aproximadamente 34%).

Mapa 01: Mapa do Estado da Paraíba com demarcações das cidades de Picuí, Campina Grande e João Pessoa, s/d.



Fonte: Prefeitura Municipal de Picuí – Modificado pela autora (2020).

Conhecida nacionalmente como “A Terra da Carne de Sol”, devido à grande demanda de exportação do produto, foi a princípio um dos lugares referenciais ao que tange as questões de extração de minério entre o final do século XIX e parte do século XX. Tornando a cidade conhecida não apenas em território nacional, mas por diversos

países. ²⁴Acredita-se ter sido, se não a maior, uma das principais fontes econômicas ofertadas aos municípios e pessoas de outras nacionalidades que chegavam a Picuí.

A povoação da área onde viria a ser futuramente o município iniciou-se no ano de 1704, quando personalidades como D. Isabel Câmara, Capitão Antônio de Mendonça Machado, Alferes Pedro de Mendonça Vasconcelos e Antônio Machado requisitaram partes de terras desta região. Posterior a esta aquisição, em meados do século XVIII, já havia por parte de diferentes famílias novas apropriações pelos arredores territoriais, a exemplo citamos a área onde situa-se o município de Pedra Lavrada - PB, que pertenceu a Picuí até o ano de 1959. Entre citadas famílias estão nomes como os Ferreira, Estrela e Macedo.

Ainda em meados do século XIX, a presença do Rio Picuhy (Pucuhy), sempre abundante em água – e a existência de uma estrada bem próxima do local em que está edificada a cidade, fez com que já nos idos de 1840 houvesse um agrupamento de casas de vivenda no local (AGRA, 2014, p. 36).

Estas famílias ficaram conhecidas como membros fundadores do pequeno povoado São Sebastião do Triunpho, posteriormente apenas Triunpho, atual cidade de Picuí – PB. O povoamento em massa da área onde é o centro da cidade foi iniciado a partir da construção da capela (ver figura 21) de São Sebastião, padroeiro da cidade. Tal feito foi ocasionado após um grave surto de cólera-morbo em 1856, doença que atingiu a Paraíba e outros vários estados brasileiros, entre eles os vizinhos Rio Grande do Norte e Pernambuco.

²⁴ A cidade tinha grandes reservas de minerais rochosos, fato que fez com que a região começasse a receber visitantes e especialistas da mineração de diferentes países no final do século XIX. Entre estes alguns franceses, como o Jules Destord. Fato, acredita-se a autora, que pode explicar a chegada das influências da arquitetura eclética em Picuí tão cedo.

Figura 21: Fotografia feita a partir de uma das extremidades da antiga Rua Coronel Lordão, s/d²⁵.



Fonte: Acervo pessoal de Jônatas Rodrigues.

A epidemia foi responsável por incontáveis mortes. Segundo Agra (2014, p. 38) “na província de Pernambuco a taxa de mortos entre 1855 e 1856 atingiu números exorbitantes: cerca de trinta e sete mil”. Em meio a tudo isto, a cólera chegou à província da Parahyba do Norte em 1855, e não demorou a atingir a região onde está a cidade de Picuí, causando uma situação caótica.

Foi neste contexto, e desesperados por alguma solução que cessasse o aumento desenfreado de mortes que estavam acontecendo, que os maiores fazendeiros da circunvizinhança se reuniram e fizeram um “voto” ao Santo Mártir para que ele livrasse a população daquele mal. De acordo com autor Abílio César de Oliveira (1963, p. 17), fosse por milagre ou por mera coincidência, a partir daquele dia não houve mais mortes no local.

A capela de São Sebastião, fruto da promessa, tornou-se após alguns anos a atual Igreja Matriz (ver figura 22), esta que é uma edificação eclética. Na sua composição é possível encontrar elementos como a torre e os arcos ogivais que remetem ao estilo gótico, os pequenos frontões, marcos da arquitetura greco-romana, guarda corpos com balaústres, símbolos da arquitetura renascentista, volutas do estilo barroco e a platibanda decorada. Estas construções foram primordiais para que a área

²⁵ É possível visualizar ao fundo a antiga capela de São Sebastião, finalizada no ano de 1957, com fortes características do estilo barroco. Este modelo permaneceu até o ano de 1910. A foto também nos mostra várias edificações da rua. Dentre estas, no lado direito da foto está o sobrado de três pavimentos do Coronel Manoel Lucas de Macedo.

começasse a ser povoada pontualmente onde, no século XXI, é o núcleo central urbano de Picuí.

Figura 22: Atual Igreja Matriz de São Sebastião, s/d.



Fonte: Mapio.net – Autor Vicente A. Queiroz²⁶.

Em decorrência ao povoamento surgiram as primeiras ruas da cidade, estas que são ligadas a matriz, são elas: Praça João Pessoa (antiga Coronel Lordão), a Rua São Sebastião e a Rua Ferreira de Macedo.

Picuí tem como certidão de nascimento a epidemia de cólera-morbo que se abateu sobre a região no ano 1856 – talvez sem a existência dessa epidemia, a sua história fosse outra, ou talvez sequer o município existisse (AGRA, 2014, p. 37).

Depois de se tornar povoado, foi elevado à categoria de vila pela Lei Provincial nº 876, de 27 de novembro de 1888, passando a chamar-se Villa do Picuhy. Sendo o título oficializado no ano de 1889. Após isto, foi possibilitado pela proclamação da república, a abertura do Conselho da Intendência Municipal da Villa do Picuhy, o qual tinha sido nomeado como presidente o Cel. Manoel Lucas de Macedo.

Descendente dos fundadores da cidade, foi neto de Antônio Ferreira de Macedo e filho do Cel. José Ferreira de Macedo. Estes que foram indivíduos primordiais para a definitiva ocupação da área, contribuindo na construção da capela, e na concretização do povoado.

Efetivamente, foi José Ferreira de Macedo quem, além da promessa, teve a iniciativa da construção da capelinha (...). A primeira casa

²⁶ Disponível em: <<https://mapio.net/pic/p-26585254/>>. Acesso em 08 de jun. 2020.

residencial foi por êle construída, no alinhamento do novo povoado. E, aí, instalou o primeiro estabelecimento comercial, chamado “A venda grande”. Ocupou o cargo Fiscal e conseguiu trazer para o povoado o primeiro mestre-escola, o primeiro costureiro de roupas masculinas e o primeiro mestre de música (OLIVEIRA, 1963, p. 25).

Membro de uma família responsável por tantos feitos, o Cel. Manoel Lucas de Macedo também se destacou em seu papel como cidadão atuante. Na carreira política foi presidente do 1º Conselho da Intendência Municipal da Villa, e quando o sítio teve a categoria elevada e tornou-se o Município de Picuhy²⁷ foi o primeiro prefeito deste. A eleição ocorreu em 1904, no dia 31 de dezembro. Seu mandato teve início no ano de 1905, e perdurou até 1913.

O coronel Manoel Lucas de Macedo é descrito por Oliveira (1963 p. 26) como uma das pessoas mais inteligentes, energéticas e arrogantes de sua época. Também faz referências a sua atuação quando chefe político, o descrevendo como alguém sem hesitações para enfrentar e realizar seus planos administrativos. Em cunho pessoal, andava sempre bem vestido e penteado, foi casado com D. Tereza da Conceição Macedo, mas o relacionamento não gerou filhos.

Figura 23: Coronel Manoel Lucas, primeiro prefeito do Município de Picuí, s/d.



Fonte: Portal Picuí Hoje²⁸.

²⁷ Picuí tornou-se município pelo o decreto nº 232, de 27 de fevereiro de 1904.

²⁸ Disponível em: <<https://www.portalphicuihoje.com.br/2016/03/112-anos-de-emancipacao-politica-de.html?m=0>>. Acesso em 29 de junho de 2020.

Com tais características não é de admirar que este homem foi responsável por construir uma das mais belas residências até então vistas na cidade. O Sobrado de Azulejos lhe pertenceu até a sua morte em 1919. Segundo Agra (2014, p. 78), em referência ao século XX, “na Rua Coronel Lordão (...) a construção mais suntuosa da rua principal era o sobrado do Coronel Manuel Lucas”.

Ainda de acordo com informações colhidas pela mesma autora (2014, p. 79) a iniciativa da construção do sobrado foi através de uma “rixa” entre o Cel. Manoel Lucas com o seu primo e cunhado Cel. Antônio Xavier, este que também é dono de um belo sobrado eclético (ver figura 24), que se encontra na Rua Ferreira de Macedo.

Macedo conta que quando Coronel Antônio Xavier construiu um sobrado (...), no ano de 1900, Coronel Manoel Lucas disse: “- Esse negro, fazer um prédio desses? Eu vou fazer um melhor”. E realmente construiu um sobrado todo em estilo português²⁹, mandando buscar os azulejos de Portugal, que chegaram ao porto de Recife e foram remetidos à Villa do Picuhy no lombo de jumentos, concluindo o sobrado em 1908 (AGRA, 2014, p. 78).

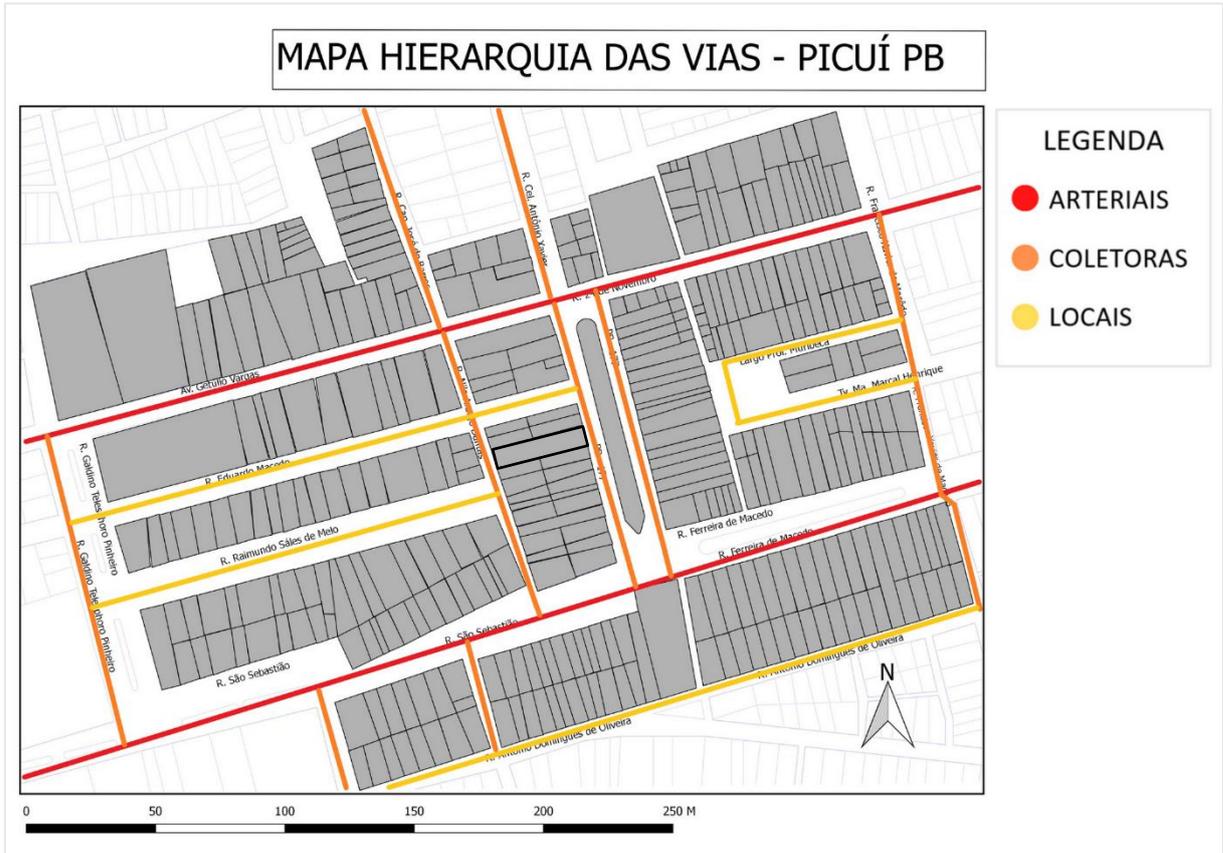
Figura 24: Sobrado Coronel Antônio Xavier, 2020.



Fonte: Acervo pessoal da autora.

²⁹ Durante as reformas do sobrado, no ano de 2019, foi descoberto que na verdade os azulejos são franceses.

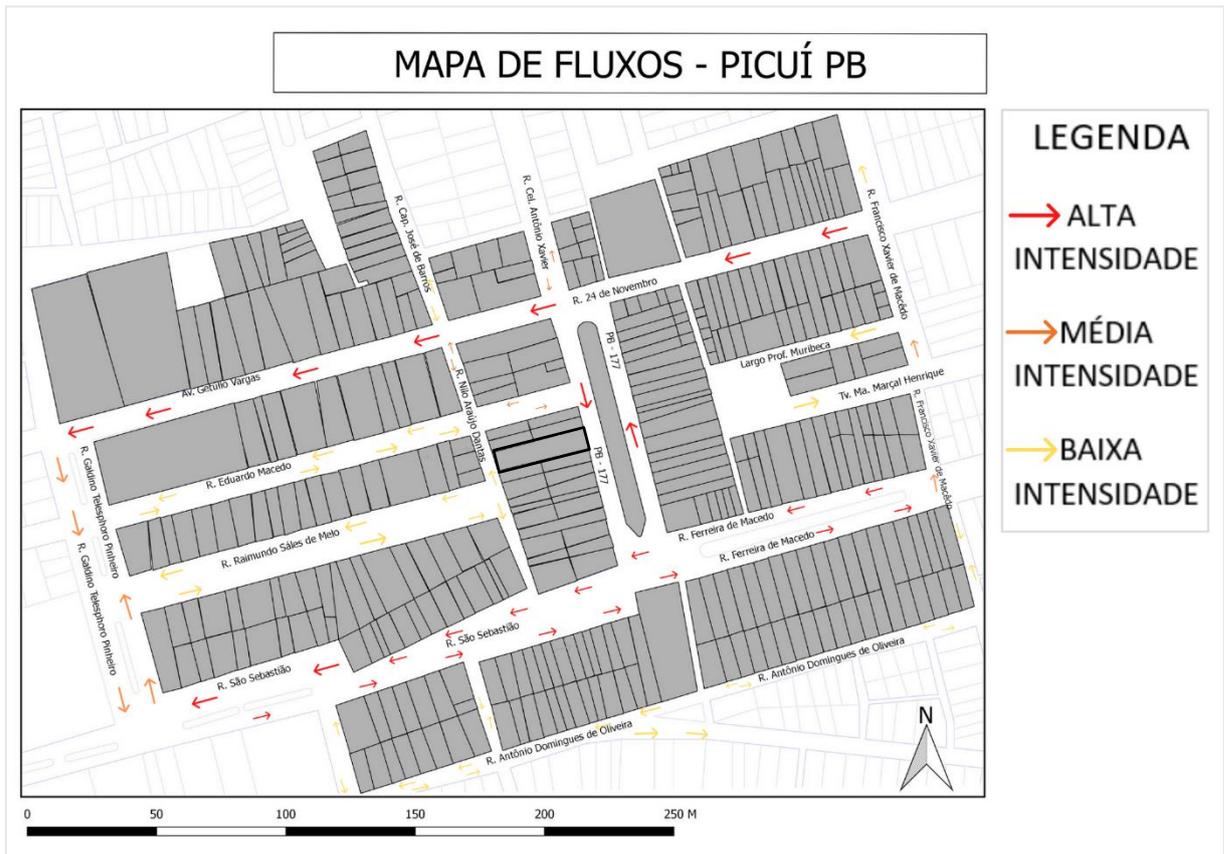
Mapa 03: Mapa de hierarquia das vias da cidade de Picuí, com demarcação do lote do sobrado, 2020



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Devido à forte predominância de lotes com usos comerciais e públicos, e também por ser ponto central estando entre vias de interligação de bairros, esta área tem o fluxo viário intenso. Isto acontece principalmente entre a segunda e o sábado, amenizando apenas aos domingos e feriados, por consequência do fechamento dos comércios e instituições.

Mapa 04: Mapa de fluxos com a direção das vias e a intensidade do trânsito, com demarcação do lote do sobrado, 2020.



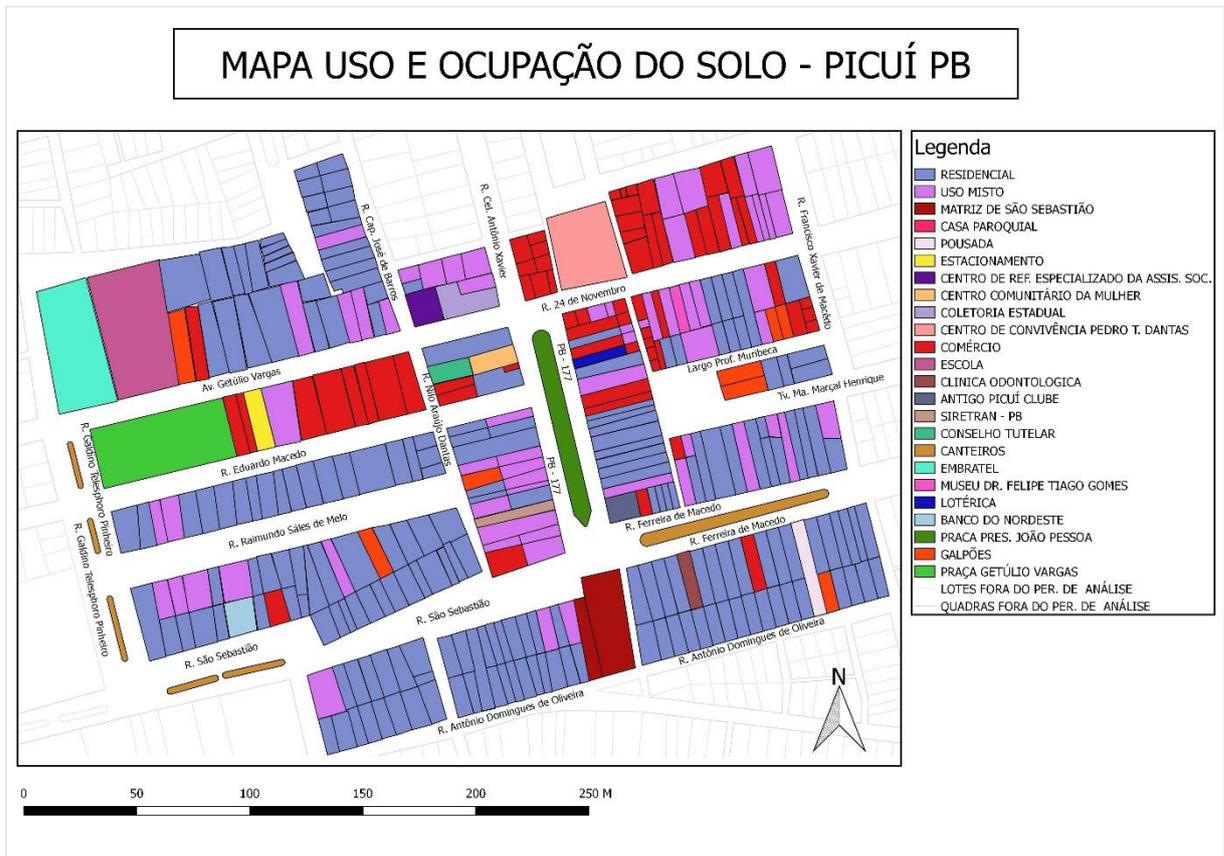
Fonte: Acervo Pessoal da autora.

A rua outrora conhecida como Coronel Lordão (atual Praça João Pessoa) é ponto importante na urbanização de Picuí, isto considerado com base no descrito por Agra (2014, p. 77):

Em fins do século XIX, não há registros que a Villa do Picuhy possuísse qualquer tipo de iluminação durante a noite, afora a luz da lua e das estrelas; no início do século XX, há registros orais dando conta de quatro lampiões abastecidos com azeite, iluminando a Rua do Coronel Lordão. (...) pouco tempo depois, o primeiro prefeito Coronel Manoel Lucas, começou a arborizar a rua principal, além de cuidar da limpeza e da iluminação da vila, esta feita através de carbureto, utilizado em lampiões.

Com disposição privilegiada o sobrado se encontra próximo a muitos espaços públicos, além da praça e da igreja supramencionadas, o Centro de Convivência Pedro Tomaz Dantas, popularmente conhecido como “quiosques”. Outros estabelecimentos mercantis, desde alimentícios a vestuários, e institucionais, a exemplo a Coletoria Estadual de Picuí e o 26ª Ciretran – PICUÍ, também compõem a área.

Mapa 05: Mapa de Uso e Ocupação do solo, com demarcação do lote do sobrado, 2020.



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Na via onde se situa o sobrado existe uma mescla ao que se refere a tipologia das edificações. No entanto nas ruas que ladeiam o prédio, entre estas as Ruas Ferreira de Macedo e São Sebastião o uso residencial predomina. Nestes logradouros, principalmente na primeira, a incidência de casas históricas é maior. Fato avaliado com base nos conhecimentos da autora em relação ao restante da cidade.

Porém, é importante mencionar que o acervo histórico arquitetônico picuense, consideravelmente minguido, vem a diminuir cada vez mais. Isto devido às destruições e descaracterizações que acontecem nos prédios (ver figura 25). Existem ainda os sobreviventes, e dentre estes se encontram alguns exemplares da arquitetura eclética. Edificações que representam em grande parte o que foi o ecletismo do interior.

Figura 25: Nesta comparação de antes e depois da rua em que situa-se o sobrado podemos ver que a maior parte dos edifícios históricos foram perdidos.



Fonte: Facebook Picuí Antigo, 2020³⁰.

Algumas destas visivelmente passaram por transformações, e com isto se inseriram nas novas tendências que chegavam. As decorações nas suas fachadas, que fazem menção ao estilo, os floreios e frisos adquiridos nas mais diversas reformas. Porém, pontos relativos à sua implantação e a localização revelam a sua verdadeira época.

³⁰ Disponível

em: <<https://www.facebook.com/photo?fbid=272943292886516&set=a.272940092886836>>. Acesso em: 08 junho de 2020.

Figura 26: Janela obstruída do segundo pavimento do sobrado, 2020.

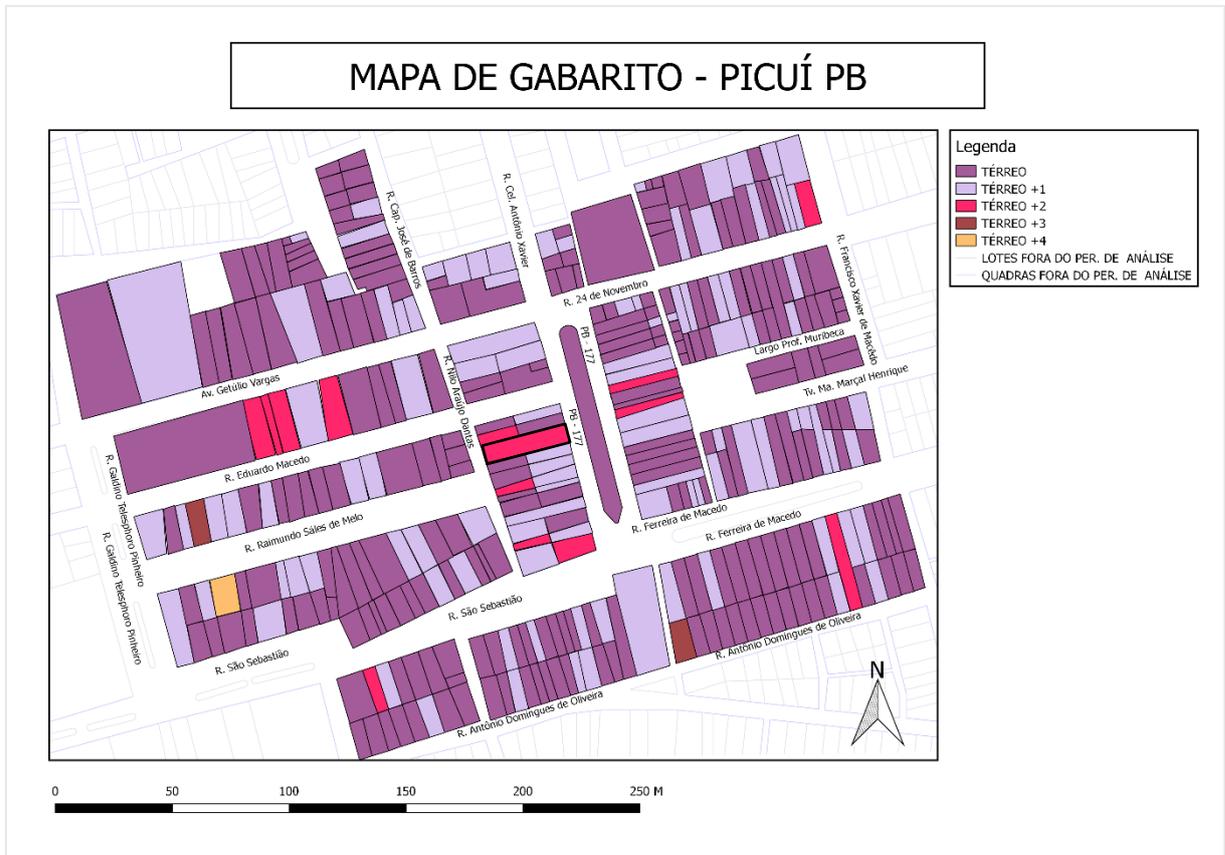


Fonte: Acervo pessoal da autora.

Construído em um lote consideravelmente amplo, tanto em dimensões de comprimento quanto de largura, ocupa grande parte deste. Em comprimento quase toda a área foi edificada, restando apenas uma porção na parte de trás, onde antes era apenas um espaço vago, que foi posteriormente modificado pelos atuais proprietários e transformado em área de lazer. Sem recuos laterais, ocupa toda a extensão referente a largura. Sua frente está voltada para Praça João Pessoa e os fundos para a Rua Nilo Araújo Dantas.

Em relação ao seu gabarito, ganha destaque já que maioria das outras construções segue a morfologia térrea, ou no máximo se estendem a dois pavimentos. Existem edificações mais altas no perímetro abordado para a avaliação urbanística da área onde o sobrado está inserido, porém estão a uma distância maior, como pode ser observado no mapa a seguir.

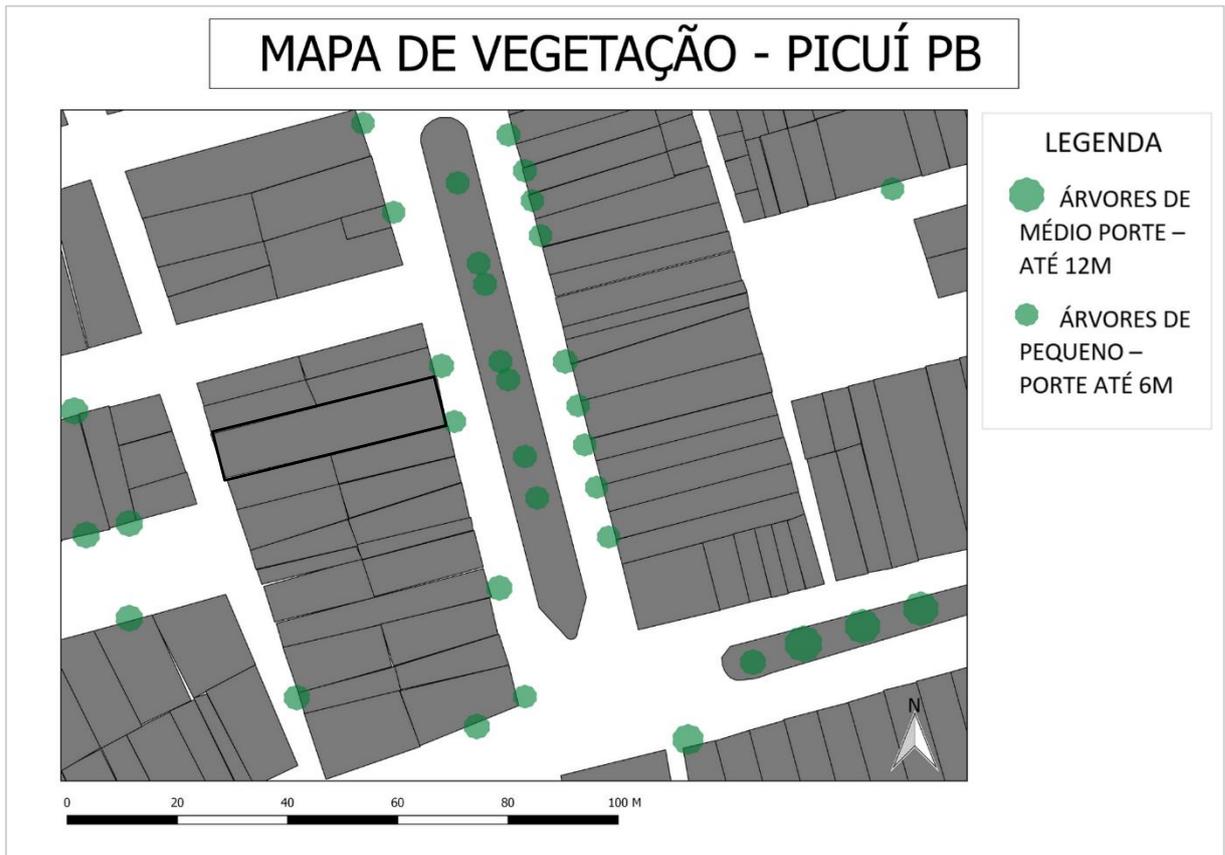
Mapa 07: Mapa de Gabarito, com demarcação do lote do sobrado, 2020.



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Devido a sua altura a vegetação que é presente em toda extensão da rua, principalmente por causa da praça, não chega a interferir na sua visibilidade. Existem duas árvores que estão em frente ao prédio (ver mapa 08), e uma delas chega a comprometer pequena parte da visualização do primeiro pavimento, porém isto vai depender muito de onde o observador está. O sobrado sem dúvidas é um prédio majestoso de uma escala maior e de uma arquitetura chamativa, e por isto ele vem se tornando durante todos esses anos um símbolo da identidade picuense.

Mapa 08: Mapa de vegetação, com demarcação do lote do sobrado, 2020.



Fonte: Acervo pessoal da autora.

3.3 Arquitetura do sobrado

3.3.1 Azulejos Franceses

Como mencionado anteriormente, o sobrado foi construído com base nas influências da arquitetura eclética, esta que acabava de chegar ao Brasil e também à Paraíba no final do século XIX e início do século XX. A edificação de quase 7 metros de altura é uma imponente residência com fachada azulejada e um belo coroamento devido a sua platibanda recortada e as pinhas portuguesas dispostas e alguns pontos da sua coberta.

Figura 27: Sobrado do Coronel Manoel Lucas em Picuí – PB, 2020.



Fonte: Acervo pessoal da Autora.

Os vários elementos que compõem a sua estrutura são marcos de períodos antecedentes e culturas diversas, estes que se misturam na composição da edificação e apresentam à Picuí do início dos anos mil e novecentos um novo tipo de arquitetura. Todos os detalhes se tornaram peças essenciais na identidade do prédio, dentre estes com uma grande representatividade da arquitetura brasileira estão os azulejos azuis sobre o fundo branco que revestem o seu exterior frontispício.

Conforme Brancanti (1982) citado por Gonçalves e Curval (2009, p. 84) o azulejo tem origem na cultura árabe, que referenciavam os mosaicos na arte bizantina. Mesmo tendo sido originário de outros povos, na cultura portuguesa o azulejo ganhou destaque, e adquiriu um padrão quadrangular, explicado por Curval (2007, p. 17). E foi justamente através destes que o azulejo chegou a arquitetura brasileira no século XVII.

Em Portugal, a azulejaria teve sua origem na importação de muitos exemplares da Espanha, que serviram de modelo e inspiração para consolidar a sua própria tipologia azulejar, utilizando brasões e símbolos náuticos da nação como motivos e figuras a serem reproduzidos. **Devido ao forte sentido cenográfico descritivo e monumental dos azulejos portugueses, esses são hoje considerados como uma das produções mais originais da cultura portuguesa** (GONÇALVES; CURVAL, 2009, p. 84, grifo nosso).

Foi com o processo de colonização do território que as referências arquitetônicas lusitanas se enraizaram no Brasil colonial. As novas atividades decorrentes da colonização foram construções como as das ordens beneditinas, franciscanas e jesuítas por exemplo. Estas foram portas para a iniciação das técnicas de azulejaria como peça decorativa no Brasil. Segundo Amaral ([s/d], p. 3) “Nas igrejas e conventos do século XVII, o azulejo decorativo torna-se peça imprescindível”.

Figura 28: Azulejos portugueses na igreja de São Francisco em João Pessoa – PB, s/d.



Fonte: PBase, 2020³².

Os azulejos foram peças muito empregadas no período barroco brasileiro, a retratação de cenas bíblicas em azuis sobre a azulejaria branca. Utilizado muitas vezes na decoração de pátios, claustros e jardins das instituições religiosas, e logo depois passando a estar presentes nas ornamentações dos interiores residenciais apalacetados. Apesar dos usos decorativos ter sido um dos pontos iniciais, com os anos os azulejos passaram a sair do íntimo das edificações para revestir os exteriores.

Conforme Alcântara (1980) citada por Yunes (2009, p. 7) este fato ocorreu no primeiro quartel do século XIX, e predominou inicialmente em cidades litorâneas, sendo o maior exemplo São Luís - MA. Isto aconteceu, pois, o azulejo deixava de ser apenas um material decorativo e passava a ser reconhecido como um elemento de proteção das edificações, protegendo as fachadas contra as intempéries frequentes de um país de clima tropical úmido.

³² Disponível em: <<https://www.pbase.com/alexuchoa/image/111028296&exif=Y>>. Acesso 19 de setembro de 2020.

Figura 29: Edificações com fachada revestida por azulejos em São Luís – MA, s/d.



Fonte: Secretaria de Turismo do Maranhão³³.

Nosso objeto de estudo, como visto anteriormente, tem sua fachada coberta por azulejos. Porém, apesar do que foi visto acima em relação a aculturação brasileira por parte dos portugueses, principalmente em tradições e materiais, os azulejos do sobrado do Coronel Manoel Lucas de Macedo foram importados da França e destinados ao porto do Recife. Tal descoberta foi feita quando se iniciou o processo de reforma no sobrado no ano de 2019, e foi notado, por parte de Udenilson Silveira e outras demais pessoas, que tais pedras possuíam um carimbo com indicações de uma indústria francesa.

Figura 30: Azulejo francês com carimbo da Fábrica Fourmaintraux Hornoy de Desvres, s/d. Os carimbos nos azulejos do sobrado do Cel. Manoel Lucas se assemelham muito a este.



Fonte: Casarão 8³⁴.

³³ Disponível em: <<http://www.turismo.ma.gov.br/o-que-fazer-em-sao-luis-do-maranhao/>>. Acesso em 20 de setembro de 2020.

³⁴ Disponível em: <<https://casaraoito.wordpress.com/2012/10/16/azulejos-em-tons-de-azul-da-cozinha-tem-origem-francesa/>>. Acesso em: 01 de setembro de 2020.

O início da importação desse material da França foi possível devido a abertura dos portos que permitiu o livre comércio das nações amigas. Fato que é aliado também a chegada da família real no Brasil em 1808, esta que sofrera um ataque por parte de Napoleão Bonaparte, fazendo com que a produção de azulejos portugueses sofresse um “baque” devido a guerra civil que fora instaurada no país luso.

Além da França, outros países também passaram a importar o material para o Brasil, entre eles a Holanda, Bélgica e Alemanha. Os azulejos franceses se diferenciam dos portugueses em vários aspectos, entre eles está principalmente o tamanho. Enquanto os azulejos portugueses medem entre 13 a 15 cm, os franceses têm dimensões entre 10 a 11,5 cm. Além disto, as pinturas dos azulejos franceses se concentram em uma peça, enquanto as portuguesas se distribuem em até quatro para formar o desenho por completo (ver figura 31).

A nova utilização de azulejos importados agora da Inglaterra, Alemanha, França e Bélgica, entre o final do Século XIX e início do XX, corresponde à alteração da arquitetura de características coloniais ao requinte das edificações neoclássicas e ecléticas, atingindo também manifestações Art Nouveau e Art Deco. Entre 1920 e 1930, painéis de azulejos e cartões sob a forma de brasões, são incorporados à arquitetura assumindo o papel de ilustração de referência histórica do Neocolonial brasileiro ou luso-brasileiro (YUNES, 2009, p.2).

Figura 31: Azulejos Portugueses, 1900 (à direita). Azulejos franceses, 1877 (à esquerda), s/d.



Fonte: Padronagens, 2020³⁵.

³⁵ Disponível em: <<https://padronagens.wordpress.com/tag/azulejos/>>. Acesso em 22 de setembro de 2020.

Os azulejos do sobrado do Coronel Manoel Lucas medem 11cmx11cm, e possuem desenhos do que se assemelha a um floco de neve (ver figura 32). Alguns das peças foram perdidas durante os anos, devido à falta de manutenções estes chegaram a cair e conseqüentemente se quebrar.

Figura 32: Azulejos do sobrado do Coronel Manoel Lucas de Macedo, 2020.



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Com a reforma do bem a proprietária providenciou além da limpeza das peças, novas réplicas de tonalidade mais claras repondo a integridade da fachada. Para inserção destas foi necessário realocar algumas das antigas fazendo com que as novas pudessem ficar todas juntas na parte superior da edificação (ver figura 33), assim se torna perceptível o que seria antigo e novo, não configurando como um falso histórico.

Figura 33: Sobrado do Coronel Manoel Lucas de Macedo, com demarcação dos azulejos réplicas, 2020.



Fonte: Acervo pessoal da autora.

3.3.2 A platibanda com as pinhas portuguesas

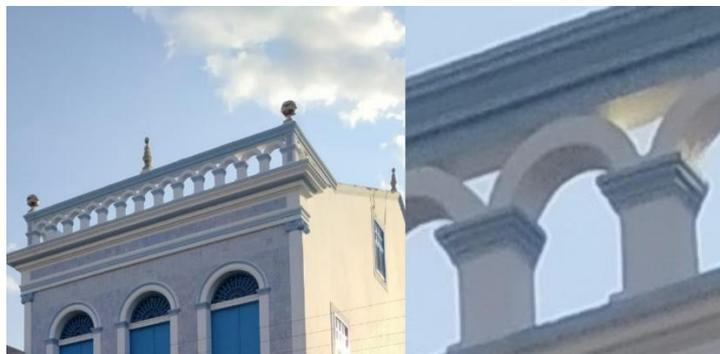
Além da notável azulejaria francesa, o sobrado tem outros elementos arquitetônicos que se destacam, estes que ofereceram a obra um aspecto de modernidade que era difundido nas capitais no início do século XX. E foram estes que fizeram com que a edificação se diferenciasse dos estilos da então arquitetura que as demais construções picuenses eram “acostumadas” a ter.

Entre estes é possível encontrar uma bela platibanda recortada que pode refletir a inserção do ecletismo nos edifícios, com a arquitetura eclética de acordo com Santos (2009, p. 2899) “os frontispícios foram encimados por platibandas cegas ou vazadas com balaústres”. Isto se dá pois, agora ao invés do costumeiro modelo que o estilo neoclássico mantinha, as novas passaram a ter detalhes como adornos e novas formas. Abandonava-se o retilíneo e o quadrado para se abrir as curvas e recortes. Presenciava-se a quebra do comum.

Na arquitetura do período de “desenvolvimento” do ecletismo, as fachadas perderam o equilíbrio simétrico e as esculturas clássicas que ornavam as platibandas na fase anterior, foram substituídas por alegorias que louvavam a República (SANTOS, 2009, p. 2901).

E conforme estudado neste trabalho, o ecletismo não foi apenas a retomada do passado, mas a renovação deste. Com os recentes materiais e técnicas construtivas se tornou possível a implantação das novas ideias. A platibanda do sobrado do Coronel Manoel Lucas de Macedo foi concebida nas influências dessa nova arquitetura, e ganhou um diferencial pelos seus detalhes e sua forma (ver figura 34).

Figura 34: Platibanda do Sobrado do Cel. Manoel Lucas de Macedo com destaque para as representações de colunas dóricas unidas por pequenos arcos plenos, 2020.



Fonte: Acervo Pessoal da autora.

Esta possui espaços vazados, que se encontram entre pequenas representações de colunas dóricas e que se unem por arcos, disposição que faz com

que também se assemelhe a balaústres da renascença italiana. Além da presença destes elementos na platibanda, também notamos cornija e friso. Os arcos e as representações de colunas dóricas e jônicas se distribuem também nas portas, e nas ornamentações laterais do prédio. Todos estes elementos advindos do neoclássico e adaptados a nova forma de construir do ecletismo. Além destes detalhes que a tornam especial, como um acréscimo e que funcionam como coroamento desta platibanda estão as belas pinhas portuguesas coloridas (ver figuras 35, 36 e 37).

Figura 35: Pinha portuguesa do sobrado do Coronel Manoel Lucas de Macedo, tendo em sua base a inscrição da Fábrica de Devezas no Porto - PT.



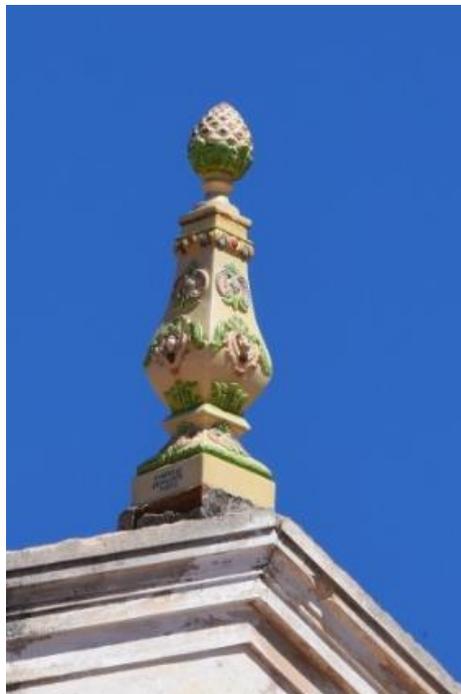
Fonte: Acervo pessoal de Udenilson Silveira, 2020.

Figura 36: Pinha portuguesa do sobrado do Coronel Manoel Lucas de Macedo, esta também vinda da Fábrica de Devezas no Porto – PT, sofreu danificações perdendo sua parte superior.



Fonte: Acervo pessoal de Udenilson Silveira, 2020.

Figura 37: Pinha portuguesa do sobrado do Coronel Manoel Lucas de Macedo, igual a da imagem anterior, porém completa e locada na lateral do prédio.



Fonte: Acervo pessoal de Udenilson Silveira, 2020.

Estes ornamentos na parte superior da edificação são mencionados por Schlee (1993, p. 80) sobre a arquitetura eclética Pelotense, quando se refere às

ornamentações de platibandas, o autor menciona que pináculos, pinhas, vasos, ânforas e entre outros adornos eram na maioria importados da cidade do Porto – PT e geralmente eram usados em grandes quantidades. O autor explica que isto conferia aos proprietários e ao próprio prédio um realce e um *status* elevado.

Fato que se comprova através das nossas pesquisas, pois segundo o que já foi relatado sobre a rixa dos Coronéis Manoel Lucas e Antônio Xavier, o primeiro após ver a nova residência do primo e cunhado sentiu-se no dever de construir algo melhor. Evento que pode estar relacionado as pinhas, pois enquanto as do sobrado do Coronel Antônio Xavier são peças apenas bicolores amarelas com branco, as do sobrado azulejado possuem quatro cores. Concluímos também que por estas serem mais trabalhadas, as peças devam ter o valor de mercado mais elevado, e que na época tenham concedido ao sobrado do Coronel Manoel Lucas mais destaque.

3.3.3 O ferro e o vidro nas esquadrias do sobrado

Outro material e detalhe arquitetônico do sobrado são os gradis das varandas e as bandeiras fixas das portas frontais e de alguns cômodos, ambos de ferro, elemento que demonstra e representa a chegada dos novos materiais, este que foi um fato que transcorreu com a revolução industrial. E conforme foi estudado no capítulo de referencial teórico deste trabalho, sobre o início do ecletismo, podemos ver que o estilo é demasiadamente associado a chegada das inovações tecnológicas que acompanharam o crescimento e as novas produções decorrentes da citada revolução.

No século XIX, os materiais em ferro fundido tornaram-se constantes nas construções de engenharia, nas obras das estradas de ferro e de pontes metálicas, na fabricação das locomotivas e dos vagões dos trens. Na área da arquitetura, concorreram com o bronze e substituíram muitas vezes a pedra e o tijolo, pois permitiam a construção de espaços internos mais espaçosos sem a necessidade de um número elevado de colunas para sustentação do teto, como ocorria até então. Além disso, a nova matéria possibilitou que os elementos das estruturas dos prédios recebessem decorações moldadas, amplamente utilizadas (VEIGA; JAHNKE; SANTOS, 2014, p.1-2).

A partir do conjunto de novidades surgida na Europa, as técnicas usadas com o ferro fundido foram sendo aperfeiçoadas e o material foi se tornando cada vez mais maleável. Primeiramente usado apenas para produção de ferramentas, depois evoluindo para armamentos como canhões por exemplo, pode-se dizer que este

material chegou finalmente ao seu ápice quando introduzido nas construções do século XIX.

Outro grande fator que fez o ferro despontar foi a sua fácil reprodução, segundo Santos (2007, p.118) citado por Veiga, Jahnke e Santos (2014, p.2) “A técnica de fundir o ferro permitiu a reprodução infinita de um mesmo modelo, com igual perfeição”. Rapidamente foi optando-se pelo uso deste metal tanto no exteriores como nos interiores das edificações, e este foi conquistando públicos. O material que está presente em grandes construções entre estas a Ópera Garnier em Paris e o Palácio de Cristal em Londres, requintou também os pequenos prédios.

O sobrado dispõe na sua composição belos gradis de ferro que delimitam as pequenas ‘varandinhas’ (ver figura 38), que podem ser acessadas pelas portas do segundo pavimento. Estas aplicações do ferro demonstram a facilidade que o material tinha em se moldar, já que estas possuem uma forma rebuscada que chegam a lembrar as curvas do estilo barroco. Os gradis do sobrado fazem parte do rompimento do uso dos clássicos balaústres em pedra para implementação dos novos guarda corpos de ferro, e os consideramos marcas da mudança nas fachadas entre o final século XIX e início do século XX.

Figura 38: Gradis das pequenas sacadas do sobrado.



Fonte: Acervo pessoal de Udenilson Silveira, 2020.

O ferro também está nas bandeiras fixas das esquadrias, estes elementos que também se associam ao ecletismo, pois o estilo teve como princípios a higienização das edificações. Elas funcionam no arejamento dos cômodos permitindo a entrada da luz solar e da ventilação. Em relação a parte exterior dos edifícios todas as seis portas

frontais têm a presença de bandeiras de ferro, e no seu interior o material pode ser encontrado em algumas portas de acesso aos quartos (ver figuras 39 e 40).

Figura 39: Portas do segundo pavimento do sobrado com bandeiras de ferro, 2020.



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Figura 40: Portas de um dos quartos do segundo pavimento do sobrado com bandeiras de ferro, 2020.



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Outro material presente na composição do prédio é o vidro, este material que se tornou, assim como o ferro, o símbolo das novidades tecnológicas e passou a ser largamente usado no período eclético. O vidro surgiu em diferentes edificações e em

diversas formas, inclusive colorido e rebuscado. E não demorou muito para que os dois materiais passassem também a serem utilizados juntos.

É possível encontrar o vidro nas bandeiras de madeira, também fixas, das janelas do sobrado (ver figura 41), a mescla com o novo material fez com que estas se tornassem um diferencial para a Picuí do início do século XX. Além disto, assim como as bandeiras de ferro antes mencionadas, o vidro também ocasiona uma maior salubridade aos espaços internos de uma edificação, pois este permite, mesmo com as janelas fechadas, a incidência da luz do sol no íntimo do edifício.

Em construções mais modestas um tipo de esquadria externa que era muito usada possuía duas folhas de madeira, que no caso de janelas, possuía caixilhos de vidro no trecho superior seguido inferiormente por um fechamento em veneziana e no caso das portas tinha acrescentado uma almofada inferior, abaixo da veneziana, em ambos as esquadrias podem ou não receber bandeiras de vidro (MARTINS, 2009, p. 55-56).

Figura 41: Janela de madeira com bandeira de vidro do sobrado, 2020.



Fonte: Acervo pessoal da autora.

3.3.4 Tipologia arquitetônica

Os sobrados são tipologias construtivas muito antigas e que se tornaram bastante comuns no território brasileiro e em vários países. Conforme Debarba (et al, 2010), durante muitos anos, este tipo de edificação ficou restrito às famílias que detinham um maior poder aquisitivo. E para o mesmo autor, era um fato costumeiro

que apenas linhagens que possuíssem escravos residissem em tais edificações, pois eram estes que ficavam encarregados pelo transporte de itens aos pavimentos superiores.

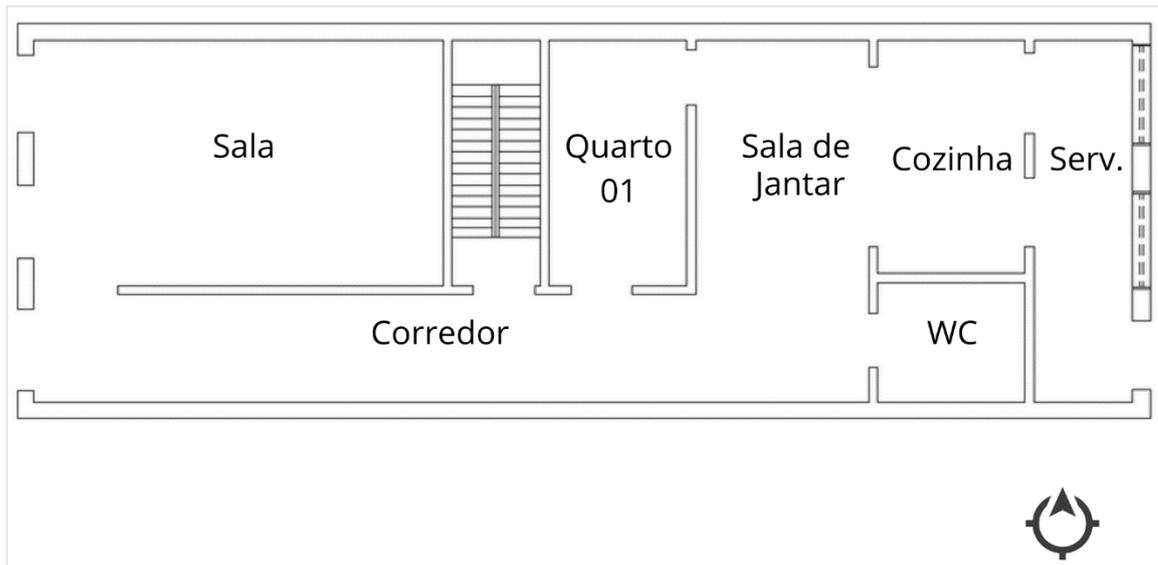
Com uma configuração quase sempre semelhante, os sobrados se dispõem em dois e no máximo três pavimentos. Ainda de acordo com Debarba (et al, 2010) foi visto que estes prédios costumavam abrigar em seu térreo lojas/armazéns, ficando os demais andares destinados à residência dos proprietários. Outra grande característica que foi observado nesta tipologia é a presença de longos corredores que estão locados no meio do edifício ou em uma das paredes laterais, estes ligam todos os cômodos ou a maioria destes e também as entradas da frente e dos fundos do edifício.

Existem também outras fortes características, segundo Lusa (2009), em geral a edificações do período colonial brasileiro se comportam da mesma forma construtiva, alinham-se aos limites das vias e dos terrenos. Os grandes sobrados urbanos consistiam, na maioria das vezes, nesta configuração limítrofes, não respeitando os recuos costumes que resultavam nos inúmeros prédios geminados símbolos do nosso período de colonização.

Além disto, Debarba (et al, 2010) menciona que as fachadas dos sobrados tinham semelhança com as das casas térreas, e tinham nas suas disposições morfológicas uma forma contínua, seguia-se um padrão, sendo comumente replicado a configuração das aberturas frontais do térreo nos demais pavimentos. O sobrado do cel. Manoel Lucas segue traços dos sobrados coloniais brasileiros tanto em relação a composição da sua fachada como na implantação e disposição dos ambientes.

O grande corredor está disposto em uma parede lateral e dá acesso a maior parte dos cômodos, isto ocorre nos três pavimentos. No térreo este se inicia em uma das três grandes portas frontais dando acesso lateral à uma grande sala, escada, um dos quartos e por fim se abrindo para a sala de jantar e um banheiro social. Neste primeiro pavimento ainda se encontra a cozinha, este espaço que passou por pequenas modificações com a reforma, como a inserção de novos revestimentos.

Figura 42: Esboço da planta baixa do 1º pavimento do sobrado, 2020.



Fonte: Acervo pessoa da autora.

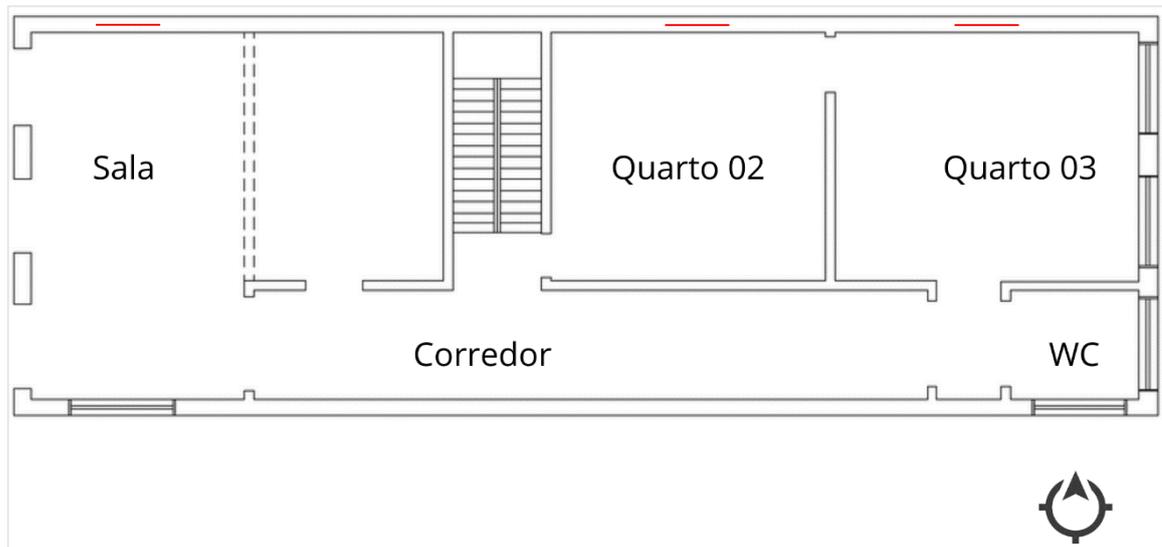
Como mencionado o corredor a grande sala do térreo são espaços muito comuns nesta tipologia, esta sala geralmente conhecida como loja/armazém. O sobrados de azulejos picuiense apesar de ter este espaço não há indícios de que abrigava tais funções, porém sua configuração isolada faz se acreditar que poderia ter sido construída com tal finalidade, já que existe uma parede dividindo este ambiente do corredor e duas das três portas se abrem para ele. Esta sala também pode ter sido pensada para recepcionar uma grande demanda de visitas, visto a importância social do proprietário.

Outro hábito recorrente nas construções do brasil colônia são as alcovas³⁶ ocasionadas principalmente com as construções geminadas. Deste tipo de configuração só havia um aposento localizado no térreo e outro no 2º pavimento, que com a reforma foi modificado tornando-se parte da sala. Os demais dormitórios têm janelas, e isto foi possível pelo fato de serem localizados nos pisos superiores. Porém com a ampliação vertical da edificação vizinha que ocasionou a obstrução de algumas aberturas da lateral esquerda, surgiu mais uma alcova que está intitulada na planta como o quarto nº 02 (ver figura 42).

³⁶ Alcovas são pequenos quartos, geralmente sem acesso ao exterior ou sem janelas.

Existe outra sala no segundo pavimento de tamanho semelhante à do térreo, esta é a que possui as belas sacadas com gradis de ferro. Compõe esta parte, junto a sala, mais dois quartos, um banheiro, que foi construído quando o prédio sediou a prefeitura na década de 1980, o corredor e a escada. Como foi mencionado acima, antes da reforma havia um terceiro dormitório, mas foi aberta uma de suas paredes e este foi integrado ao espaço da sala tornando o espaço mais amplo. Todo o piso deste e do terceiro pavimento do prédio é composto por assoalho.

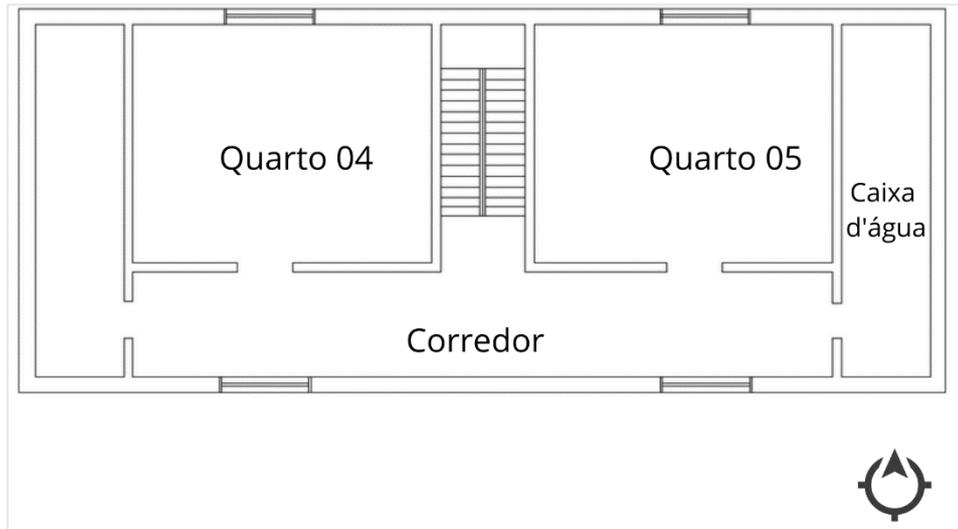
Figura 43: Esboço da planta baixa do 2º pavimento do sobrado. Em tracejado podemos ver onde estava a parede que foi derrubada e com as demarcações vermelhas as janelas obstruídas, 2020.



Fonte: Acervo pessoal da autora.

O terceiro e último pavimento do sobrado é o sótão, neste existem dois quartos de igual tamanho separados pela escada. O corredor neste pavimento é um espaço bastante iluminado, da mesma forma são os dormitórios, pois estes possuem grandes janelas, que não foram interrompidas como as do segundo pavimento. É possível encontrar nesta parcela da edificação as áreas de manutenção do edifício como a entrada para a caixa d'água.

Figura 44: Esboço da planta baixa do 3º pavimento do sobrado, 2020.



Fonte: Acervo pessoal da autora.

A história do sobrado aliada a memória da população picuiense.

4. UM ESTUDO SOBRE AS MEMÓRIAS DA POPULAÇÃO PICUIENSE EM VISTA DO SOBRADO

4.1 A memória e a sua relação com os espaços

Até o momento foram abordados neste trabalho pontos que contemplam o bem enquanto patrimônio material edificado, como a sua análise urbanística e arquitetônica. Porém, quando falamos de patrimônio e história no vemos no dever de relacionar estes à memória, pois, recorrendo a Moreira (2009, p. 17) “(...) é a partir dela que se constrói o fundamento do patrimônio cultural”. Em relação as edificações estes conhecimentos e recordações se conectam entre si não como algo concreto mas como um patrimônio imaterial, pois não podemos tocá-las, tornando-se apenas um saber e um conhecer dos fatos.

Patrimônio diz respeito a algo que pertence a alguém ou a muitos, diz respeito àquilo que chamamos de bens, mas também diz respeito ao social, a memória, aos que entendem o monumento, o bem material ou imaterial como parte de sua identidade individual e coletiva (SANTOS; MORAES, 2015, p.27)

Em torno destas lembranças que podem ser repassadas por gerações podemos encontrar relatos que comprovam a história, pois de acordo com Lowenthal (1998) citado por Delgado (2003, p. 15) “toda consciência do passado está fundada na memória. Através das lembranças recuperamos consciência de acontecimentos anteriores, distinguimos ontem de hoje, e confirmamos que já vivemos um passado”. O lembrar e a reverberação destas reminiscências faz com que seja possível a comprovação de fatos que aconteceram, de edificações e objetos que já existiram.

A maior glória de um edifício não está em suas pedras ou em seu ouro. Sua glória está na sua idade (...) está no seu testemunho duradouro diante dos homens e no seu sereno contraste com o caráter transitório das coisas (RUSKIN, 2008, p. 68).

São as pessoas com suas memórias que contam os legados dos edifícios, e oferecem a estes a glória mencionada por Ruskin (2008, p. 68). O papel deste agente na preservação do patrimônio, seja ele edificado ou não, tem sido muito importante para manter suas histórias vivas no cotidiano das pessoas, fato defendido por Alves (2017, p. 2) quando diz que no momento que os lugares passam a ser mais usados e começam a ser criadas memórias, estes espaços começam a ser valorizados em questões como “aspectos culturais, sociais e históricos”.

4.2 Memórias não registradas

O patrimônio que vai além do bem material passou por reconhecimentos durante os anos, tanto pela UNESCO³⁷, quanto pela própria constituição brasileira com o art. 216 (Brasil, 1988) que institui:

patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à **memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira**, nos quais se incluem: I - as formas de expressão; II - os modos de criar, fazer e viver; III - as criações científicas, artísticas e tecnológicas; IV - as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais; V - os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico (grifo nosso).

Estes patrimônios imateriais são em grande parte constituídos pelas memórias que são tidas sobre eles, configurando seu valor. Porém, por mais que os bens em si possam ser tombados, a memória destes não, ficando apenas possível fazer os seus registros, atividade normatizada pelo decreto 3.551 de 2000, que visa o cuidado para que estes bens culturais imateriais e a suas memórias não se percam.

O registro do patrimônio imaterial, como o patrimônio cultural, é comumente confundido com o tombamento. No entanto, diferencia-se deste, pois por considerar manifestações puramente simbólicas, não se presta a imobilizar ou impedir modificações nessa forma de patrimônio (IPHAN, acesso em 05/11/2020).

Além disto, a memória é considerada por nós um fator essencial, que trabalha não só na documentação de grandes obras e grandes acontecimentos, mas para que os sentimentos e os pequenos detalhes possam também ser contados. Citando Moreira (2009, p.24) “um lembrar junto”, e é justamente este o objetivo que buscaremos.

Trazendo registros de algumas memórias dos picuenses a respeito do sobrado, estas que possam expressar sentimentos e exemplificar a importância do bem para os indivíduos (e para a cidade). Além de retratar um patrimônio material edificado, não registrado pela documentação oficial, considerando que estes, podem ser, resíduos de experiências individuais (e remotas) nunca catalogadas.

³⁷ Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

4.2.1 Relatos

O sobrado do Coronel Manoel Lucas de Macedo foi habitado por muitas pessoas que tem em seu íntimo um carinho, um apreço pelo prédio que foi cenário de inúmeras lembranças felizes de determinadas épocas de suas vidas. Estão guardadas em suas memórias detalhes que expressam o significado que o edifício tem. Além destas que o habitaram, existem também as que vivenciaram o prédio não como um lar, mas como um ambiente de trabalho ou até mesmo apenas como elemento paisagístico e marco edificado, pois esta edificação centenária é parte do cotidiano e da história picuense.

Para coleta destas vivências foram escolhidos determinados indivíduos que estão dentro da faixa etária dos 22 aos 84 anos, estes que em algum momentos tiveram com o prédio um contato direto, seja moradia e/ou trabalho; ou indireto, quando o bem seria um “plano de fundo” de alguns momentos importantes, individuais ou coletivos. É relevante mencionar que nesta fase de documentação de relatos não nomearemos estas pessoas.

O sobrado pertenceu a três famílias desde seu primeiro dono, estas permaneceram no prédio períodos consideravelmente longos, repassando o bem entre familiares e posteriormente, vendendo-o. A nossa primeira conversa foi com um dos parentes do segundo proprietário, que vamos intitular como indivíduo número 1.

O indivíduo 1 residiu no prédio durante 20 anos, hoje com 70, nos relatou algumas de suas vivências no local. Entre estas nos conta que o sobrado foi o lugar de seu nascimento e de mais 10 de seus irmãos, explicando que naquele tempo ainda era bastante comum que os partos ocorressem nas residências. Conta que neste dia seu pai foi às pressas buscar um médico que ajudou a sua mãe lhe dar a luz no único quarto do térreo.

Além deste importante acontecimento ele também nos fala que viveu no edifício sua infância, adolescência e parte da sua juventude, e descreve estes tempos como felizes, épocas que tiveram como palco o prédio de azulejos azuis, lembrando do espaço com amor e de forma saudosa. Conta que, quando criança tinha carrinhos e que os guardava embaixo do primeiro degrau da escada, e que isto era possível pois esta se encontrava com uma parte quebrada que facilitava o esconderijo dos brinquedos.

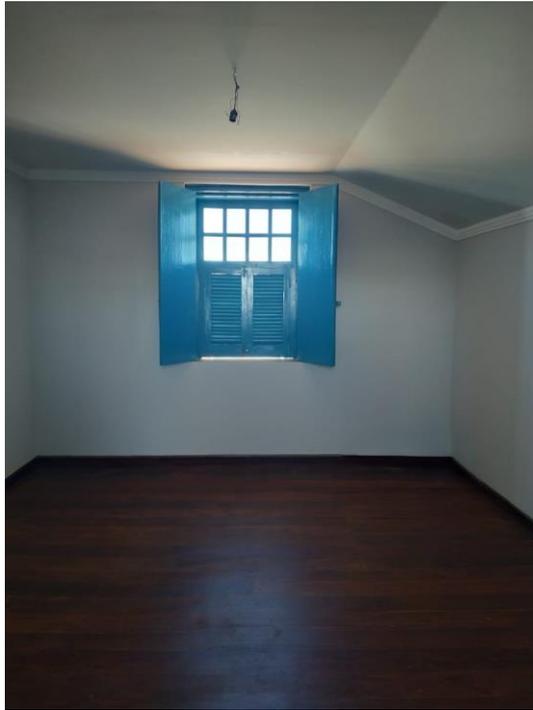
Figura 45: Escada do sobrado, nesta foto podemos ver o primeiro degrau que é mencionado como o local onde o morador guardava seus brinquedos, 2020.



Fonte: Acervo pessoal da autora.

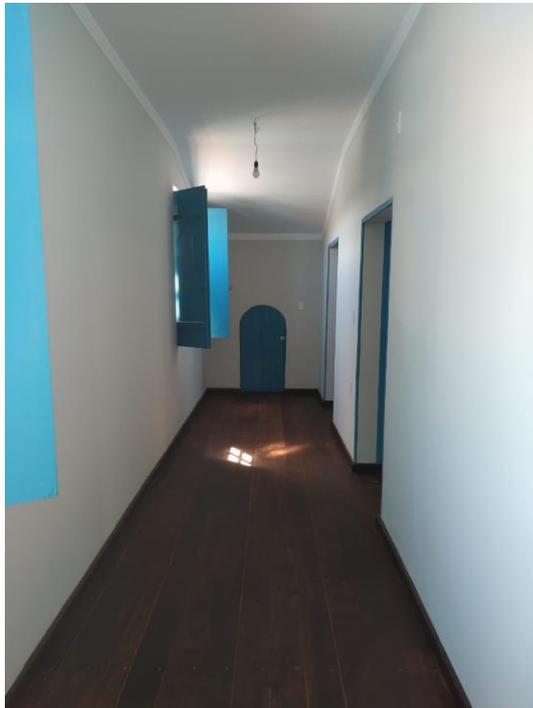
Também conta que ainda na sua infância o segundo proprietário alugava a sala da frente para que funcionasse a coletoria federal, atribuindo mais um uso diferente ao prédio. Quando perguntamos o lugar de sua maior permanência ele nos explica que era o 3º pavimento, onde era o seu quarto. Era lá que também aprontava, afastando as telhas para observar as belas pinhas portuguesas, e menciona também que do seu quarto “avistava” quase toda Picuí, que naquela época ainda era composta em grande parte por edificações térreas, onde observava os belos coqueirais e o rio que dá nome a cidade.

Figura 46: Um dos quartos do terceiro pavimento, 2020.



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Figura 47: Corredor do terceiro pavimento do sobrado, esta pequena porta era por onde o indivíduo 1 passava para observar as pinhas, e identifica o lugar como quarto do morcegos, 2020.



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Durante os relatos menciona que as portas do segundo pavimento do sobrado eram diferentes do que são atualmente, fazendo referência à existência de venezianas e vidros. Explica que devido a presença destes artifícios algumas vezes não era necessário a abertura completa das portas, pois o vento e a luz passavam tanto pelas bandeiras, quanto por estes. Apesar destas venezianas e vidros não existirem mais, sua presença foi corroborada por um fotografia encontrada durante a pesquisa (ver figura 48). Finalizando nossa conversa, perguntamos o que ele sente em relação ao edifício, este responde em poucas palavras:

Rapaz, se eu pudesse eu compraria, foi onde eu nasci, né? E fui muito feliz ali né? Graças a Deus. Eu e meus irmãos que nasceram lá (...), e as lembranças de... dos contemporâneos de idade ali na praça João Pessoa (...), se me perguntassem se eu moraria ali denovo diria: vou agora.

Figura 48: Foto de mulheres em cima dos paralelepípedos para calçamento da rua, atrás podemos ver o sobrado com as antigas portas com veneziana e vidro, s/d.



Fonte: Acervo pessoal de Cândida Barrêto – Facebook Picuí Antigo³⁸.

A próxima pessoa com quem conversamos se trata de uma familiar do terceiro proprietário do bem, esta mencionaremos com a numeração 2. Este indivíduo atualmente com 65 anos nos conta que viveu muitos momentos no prédio, principalmente em família, referindo-se principalmente aos eventos de final de ano e

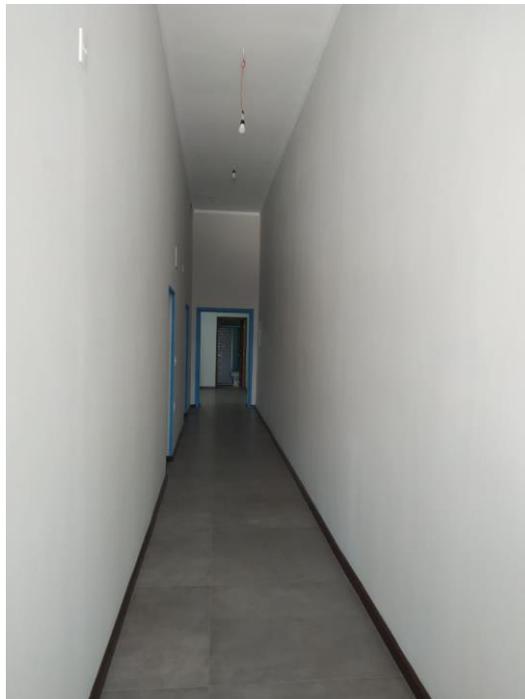
³⁸ Disponível em:<

<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1478661032314730&set=a.118253741688806&type=3>. Acesso em 09 de novembro de 2020.

festa de padroeiro quando grande parte de seus familiares se reuniam no edifício e se dispersavam pelos vários cômodos.

Nos fala também, sobre a lembranças em relação ao espaço, com um sorriso estampado no rosto, menciona que recorda da neta engatinhando no longo corredor do térreo (ver figura 47). Assim como o individuo 1, o sobrado é lembrado por este segundo estando sempre associado com tempos extraordinários de sua vida. Nos relata que sente muita saudade do prédio, e que é inevitável não lembrar deste nestas datas inicialmente mencionadas.

Figura 49: Corredor térreo do sobrado, 2020.



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Durante a conversa, é mencionada a história de uma botija, explicando que o fato ocorreu durante os anos que o prédio pertenceu ao terceiro proprietário. Descrevendo que algumas pessoas vindas de outra cidade chegaram tarde da noite e solicitaram as chaves do edifício, informando que receberam uma aviso ‘sobrenatural’ referente ao tesouro escondido e prometendo que voltariam e cederiam um parte do que fosse encontrado. Quando questionamos se voltaram nos conta que não, deixaram a chave com a vizinha e só encontraram no terceiro pavimento um abertura que fizeram para a retiradas dos objetos.

Esta botija é uma das histórias mais conhecidas pelo povo picuense, sempre contada e recontada por gerações, e agora confirmada com este relato. Após isto perguntamos qual o local do sobrado que mais tem recordações, e nos diz que é a porta de entrada onde passava seus finais de tarde e o início da noite, quando sentava, observava a praça e conversava com as pessoas que transitavam na rua. Estas lembranças são contadas envolta de sentimentos de amor e saudade, e por fim quando falamos sobre as sensações em relação ao prédio, nos disse:

Olhe... o sentimento que eu sinto pelo sobrado é de muitas lembranças boas, muita coisa boa, eu lembro do meu pai, da minha mãe (...) é muito sentimento, muitas coisas boas, sinto muita saudade, se ainda fosse meu... se ainda fosse da gente... eu tava lá, eu tava morando lá.

Esta sua fala expressa “entre linhas” que não deseja que o bem seja destruído ou que sua memória seja esquecida, revelando o sentimento de proteção e afeto. É ainda importante mencionar que o indivíduo 2 tinha parentesco com um dos prefeitos do município, e que durante a gestão deste, mas também de outros, o sobrado funcionou como sede da prefeitura (Figura 50).

Figura 50: Prefeito Basto Cazuzza recebendo Felipe Tiago Gomes, s/d.



Fonte: Facebook Picuí Antigo³⁹.

Seguindo então para o indivíduo 3, que contribui para este trabalho relatando experiências do tempo que trabalhou no edifício enquanto sede do projeto sertanejo⁴⁰

³⁹ Disponível em:<

<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=430446703802840&set=a.169965706517609&type=3>>. Acesso em 12 de novembro de 2020.

⁴⁰ Política criada pelo governo brasileiro visando o desenvolvimento econômico do nordeste semi-árido.

e depois da prefeitura municipal de Picuí. Nos explica que o prédio, apesar de já ter passado por alguns períodos de abandono, quando estas atividades foram exercidas neste, eram frequentes os reparos, sempre prezando pela sua integridade. Este fato nos mostra a importância de existir usos nos edifícios, pois estes geram um maior cuidado aos bens.

Nos conta inclusive que um dos prefeitos fez algumas mudanças no sobrado, como por exemplo a inserção do banheiro no segundo pavimento, a renovação do assoalho do prédio, antes composto por “tabúas brutas”, e que colocou, em um determinado período, carpetes verdes que foram implantados no segundo e terceiro pavimento. Este material atualmente não existe mais, e durante a pesquisa não foi possível encontrar fotos que viessem a mostrar, tornando-se apenas uma informação.

Figura 51: Corredor do segundo pavimento. Ao fundo podemos ver o banheiro que foi inserido quando o sobrado sediou a prefeitura, 2020.



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Esta terceira pessoa que conversamos trabalhou no prédio por 10 anos, e nos informa que guarda muitas lembranças sobre este. Por exemplo do seu cônjuge, já falecido, informando que na época trabalhavam juntos, suas salas eram localizadas no segundo pavimento do sobrado, e isto permitia que se encontrassem com frequência, também enfatiza que estes locais eram os seus favoritos.

Figura 52: Sala do segundo pavimento do sobrado. Com a retirada da parede de um dos quartos esta ficou em L. Durante o período em que funcionou a prefeitura esta parede permanecia, e o ambiente funcionava como uma sala para funcionários, 2020.



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Nos relata que várias vezes necessitou pernoitar no prédio, pois haviam metas a serem cumpridas, e afirma que nunca teve medo, apesar da inúmeras histórias sobre-humanas que eram contadas. Relembra que nestas noites sempre deixava as portas abertas, deixando o lugar ventilado, e nesta parte faz referência a antiga Picuí como uma cidade tranquila, sem perigos. Menciona que ficar no sobrado era uma “válvula de escape”, pois lá era um lugar onde ficava bem e apesar de ser seu espaço de trabalho era lá que descansava e sentia-se em paz.

Além das vivências dentro do sobrado nos conta que sente o prédio com parte da sua juventude, pois quando ia à praça João Pessoa com seus amigos tem lembranças do prédio compondo, mesmo que indiretamente, as suas histórias. Com 67 anos, explica sobre a representatividade do edifício para esta:

Vida, foi é... prazer, foram bons momentos que por lá passei, inclusive fiz boas amizades (...) interagi com muita gente. O considero como boa parte da minha história (...) trabalhando com o projeto sertanejo e com a prefeitura municipal. Se o prédio deixasse de existir seria uma pena, porque... um prédio de tão bela aparência, quer dizer, que enobrece a nossa cidade, caso fosse demolido seria injustamente, eu creio que não há quem vá fazer isso.

Figura 53: Praça João Pessoa e o sobrado do Coronel Manoel Lucas de Macedo, s/d.



Fonte: Acervo Pessoal de Edson Calado, 2020.

Depois deste relato encontramos com indivíduo número 4, que assim como o indivíduo 1, é uma pessoa que permaneceu no sobrado grande parte de sua infância e nos conta sobre como o prédio é parte da sua vida. Durante seu tempo lá, explicou, ele e sua família utilizavam apenas o térreo, pois o restante dos pavimentos encontravam-se com pouca manutenção, com frequente aparecimento de mofo e bichos, fazendo com que fosse difícil transitar por estas partes.

Como não era possível utilizar os demais pavimentos para habitação, o seu quarto ficou onde se localiza a sala da entrada, vizinho ao quarto do térreo, que relata ser onde seus pais dormiam. Durante a conversa foi referido que neste quarto do térreo onde seus pais dormiam havia uma abertura no teto, que foi feita quando o sobrado funcionava como prefeitura, isto foi idealizado para facilitar o transporte de objetos do segundo pavimento para o térreo.

Além disto, assim como a maioria das pessoas com quem conversamos, nos conta sobre as histórias que envolvem o prédio, e menciona que este é tido por muitos com uma “lenda urbana da cidade”, fato que concordamos. Relata que quando criança seus amigos sempre curiosos, perguntavam como era o edifício e o que acontecia, mas afirma nunca ter visto nada.

Quando questionamos se havia algo que existia no período em que morou lá e hoje não existe mais, nos conta entre risadas, que os adesivos do “pica-pau” colados na porta do banheiro do térreo não devem ter permanecido. Além disto, sobre marcas que deixava, contou das manchas dos pneus da sua bicicleta, inclusive afirma que foi

lá mesmo que aprendeu a guiar, explicando que o prédio por ser muito grande possibilitava que pedalasse dentro dele.

Nas muitas histórias sobre sua infância recorda também das quedas que sofria, nos conta que antes, entre a sala de jantar e a cozinha, os pisos eram diferentes, até a sala de jantar era um cimento queimado liso e a partir da cozinha este ficava crespado, e nos descreve que sempre acertava cair neste segundo, ralando todo o seu joelho. Relata que o seu lugar preferido era seu quarto, pois era muito grande, e menciona que por ser criança, naquela época achava tudo muito amplo e alto, era “imenso” explicou.

Hoje com 22 anos, afirma que os 11 anos em que morou no sobrado lhe rederam muitas memórias felizes, e quando contamos sobre o atual estado do prédio, com todas as reformas, fica feliz e menciona que deseja muito visitá-lo. Para finalizarmos trouxemos perguntas relativas aos sentimentos e significados que o sobrado tem para este, é então que nos esclarece como associa o prédio:

Minha infância, família, festa, muita gente (...). Ponto de encontro da família, sempre que alguém vinha tinha que parar lá (...) uma casa de muito suporte. Ali foi assim, a minha primeira lembrança de infância mesmo foi... foi lá. (...) apesar de outras coisa mudarem, o sobrado... ele permanece, uma coisa muito imutável.

Figura 54: Praça João Pessoa, na foto podemos ver o coreto, parte do monumento e o sobrado a margeando.



Fonte: Facebook Picuí Antigo⁴¹.

⁴¹ Disponível em:<

<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1478662895647877&set=a.118253741688806&type=3>. Acesso em 15 de novembro de 2020.

Por último conversamos com o indivíduo número 5, este teve poucos contatos diretos com o bem, mas isto não o impediu de apreciá-lo e produzir memórias a partir deste. Natural de outra cidade chegou em Picuí com apenas cinco anos de idade e desde então criou laços afetivos que faz com que sinta o mesmo amor que um “filho da terra”. E com isto preza pela acervo patrimonial do município, declarando que estes são parte do nosso legado.

Ainda jovem nos relata que quando chegou em Picuí, no ano de 1941, o sobrado era um dos prédios mais bonitos da cidade, o caracterizando como um edifício luxuoso. Um edifício muito bonito, segundo este, apreciado por muitas pessoas. Nos relatou que algumas famílias moraram no sobrado apenas pagando aluguel, pois “não havia preço para este, era somente para conservar até o fim”, esta fala pode ser associada a um fato que descobrimos durante a pesquisa, que foi quando o Cel. Manoel Lucas vendeu o sobrado para Ermínio Bento e pediu que este jamais vendesse, pois assim estaria impendendo que o prédio fosse destruído.

Mencionou que entrou poucas vezes no sobrado, mas na época em que o visitou foi em todos os pavimentos, mencionando como este é grande. Mencionou que a receita federal quando funcionou lá fez melhorias, pois na época o sobrado já se encontrava um pouco desgastado. Quando perguntamos se considerava o sobrado como um símbolo picuense, afirmou que sim e elogiou a recente reforma que os atuais proprietários fizeram, pois não destruíram suas características.

Assim como outro relato anterior, mencionou o edifício como compositor da paisagem da cidade em sua juventude, lembrando das festas de janeiro, onde nos conta que o prédio, por ter os “batentes” altos, tornava-se um lugar de encontro, era ali onde as pessoas sentavam, alguns para conversar e outros para namorar. Esta lembrança é dita, assim como as pessoas que conviveram intimamente com o prédio, de forma amorosa e através de sorrisos que desmonstram períodos felizes, dos quais a edificação fazia parte. No fim de nossa conversa, explicando a problemática da destruição de edifícios históricos, o indivíduo 5 nos diz que caso o sobrado fosse destruído “não concordava, porque uma coisa daquela ali é... é... a beleza da cidade”.

Todos as memórias aqui coletadas mostram a relevância que o sobrado tem para a população, sejam para pessoas que viveram o bem como casa ou apenas como um marco paisagístico. A memória vem fortalecer a integridade do edifício, ajudando-o a ultrapassar épocas.

4.3 Propagação dos registros arquitetônicos e da memória

No século XXI vivemos em um mundo com grandes facilidades (acesso a informação rápida e precisa) com a internet, que de acordo com Pinheiro *et al.* (2018, p. 34) já em 2017, era um recurso que estava ao alcance de uma parte considerável da população. E ainda conforme o mesmo autor (2018, p. 34), tornou-se peça fundamental no cotidiano das pessoas, principalmente quando se trata das redes sociais⁴², que dominam o cenário, tornando-se um dos mais rápidos meios de comunicação.

Com a presença das mídias no ambiente digital e on-line, o cenário comunicacional sofreu e continua a sofrer modificações, o acesso às informações foi reconfigurado, a dualidade entre o emissor e receptor foi alterada, atualmente vivenciamos um processo de comunicação cada vez mais complexo, no qual o público leitor apresenta vários canais para sua participação e deste modo chegam a ditar o relacionamento comunicacional neste cenário estabelecido (SOUZA; CARDOSO, p. 67).

Chegamos então a conclusão de que este seria, em vistas do século XXI, o melhor meio para divulgação deste trabalho, que espera uma maior visibilidade para Sobrado do Coronel Manoel Lucas de Macedo, e conseqüentemente uma maior valorização deste patrimônio histórico picuense. Em seguida, foi tomada a decisão por parte da autora, e dos contribuintes na elaboração deste trabalho, que o meio mais adequado para reverberar a pesquisa seria o instagram⁴³, levando em conta toda a visibilidade e possibilidades que esta rede social oferece, a exemplo o levantamento de estatísticas.

Após isto, criamos no dia 05 de novembro de 2020 a página no instagram com o endereço **@sobradodosazulejos**, que até o dia 18 de novembro do mesmo ano atingiu um público de 859 pessoas. Destes seguidores tivemos um total de 563 interações, entre estas estão comentários (31), curtidas (511), compartilhamentos (9) e salvamentos (2) de fotografias postadas no *feed* e respostas (9) e reações (1) aos *stories*.

⁴² Rede social é uma estrutura social composta por pessoas ou organizações, conectadas por um ou vários tipos de relações, que compartilham valores e objetivos comuns.

⁴³ Instagram é uma rede social online de compartilhamento de fotos e vídeos entre seus usuários.

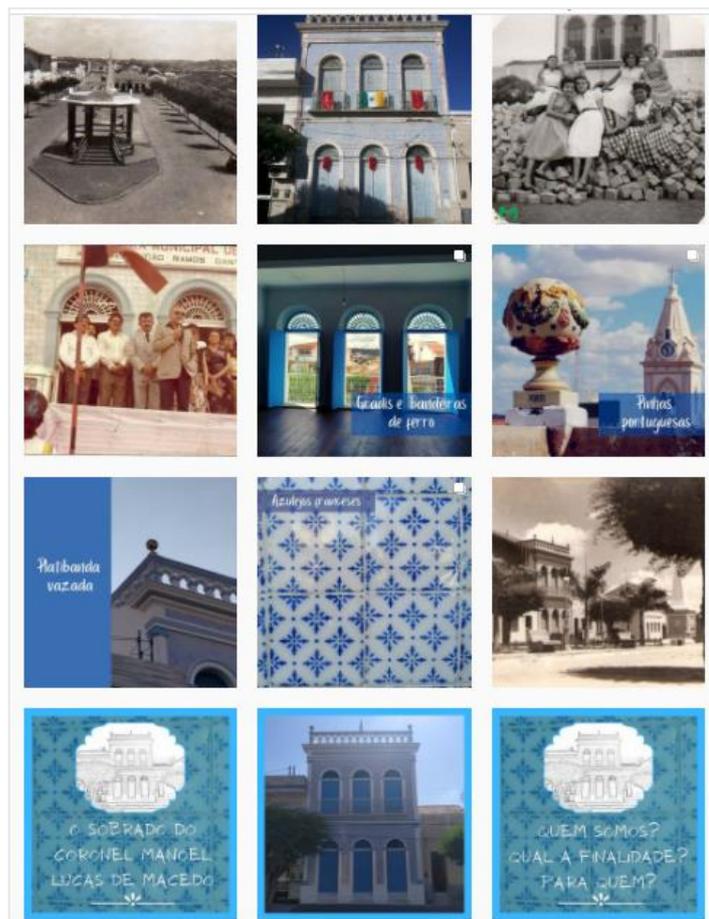
Figura 55: Página do sobrado no instagram, 2020.



Fonte: Acervo pessoal da autora.

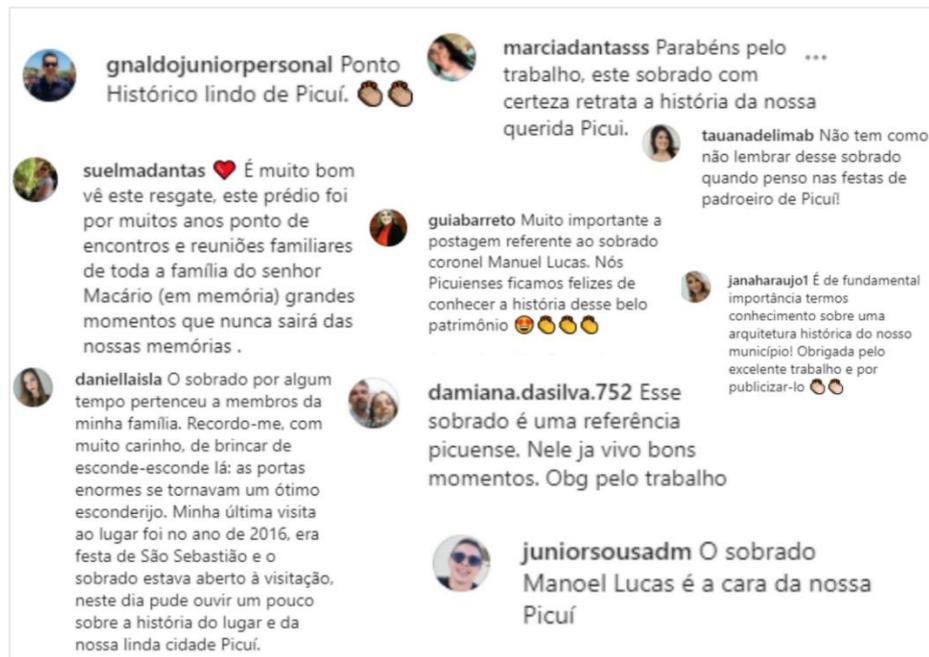
Idealizamos doze postagens, que foram feitas com o objetivo de apresentar o prédio e o trabalho que estava sendo desenvolvido, tratando sobre a arquitetura e história do objeto de estudo aqui abordado. Nestas publicações tivemos um alcance de 4.260 pessoas, e conseguimos alguns comentários acerca da relevância do edifício, parte destes corroboram com as memórias coletadas no capítulo anterior.

Figura 56: Postagens apresentando o edifício e o trabalho, 2020.



Fonte: Acervo pessoal da autora.

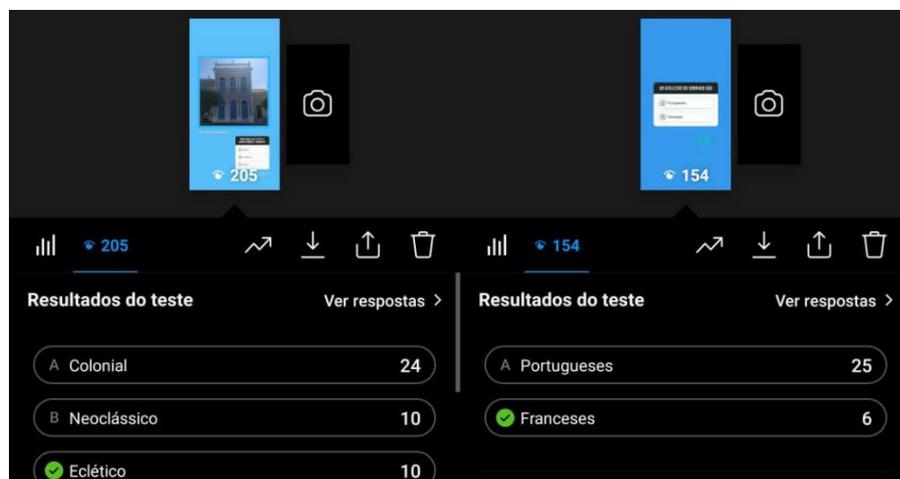
Figura 57: Alguns comentários feitos em publicações da página do sobrado, 2020.



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Além desta publicações no feed criamos também stories, isto elevava a visibilidade e também proporcionava mais interações decorrentes principalmente das enquetes que criamos. Estas traziam perguntas sobre a arquitetura do sobrado, como as principais dúvidas que envolvem o estilo e a originalidade dos azulejos. Demonstrando ainda o pouco conhecimento que os cidadãos picuenses tem a respeito do bem, apesar de tê-lo como algo significativo para a cidade e para si mesmo.

Figura 58: Enquetes feitas no instagram do sobrado, a primeira sobre o estilo e a segunda sobre os azulejos, 2020.



Fonte: Acervo pessoal da autora.

O Instagram foi uma ferramenta imprescindível nesta divulgação, alcançando públicos e nos possibilitando interagir e receber *feedbacks*, tornou também o trabalho mais dinâmico e fácil de ser acessado. Que esta página possa permanecer contando a história do sobrado do Coronel Manoel Lucas de Macedo, e ajudando a manter viva a importância deste.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante este processo que aborda a análise e a documentação do sobrado picuense, foram tratados pontos como sua composição arquitetônica e a busca pela memória registrada e não registrada deste. Isto levando em consideração que podem ocorrer futuras degenerações ou até mesmo o não repasse de dados. Apartir disto o documento foi pensado para que se preserve os detalhes, físicos ou não.

Esta preocupação tem em vista que o patrimônio histórico picuense durante anos vem desaparecendo, e as modificações na paisagem urbana têm sido constantes, frutos da inserção de novas edificações e remodelações das já presentes. Por isto, o trabalho buscou este resgate e registro, que resulta no aferimento da importância do bem, objeto de nosso trabalho.

Todos estes objetivos foram alcançados a partir do estudo da estrutura e história do sobrado, acrescidos com a coleta das memórias adquiridas pelas pessoas que tiveram contato com edifício. Estas que exemplificam o quanto o prédio tem um valor afetivo não só para suas vidas, mas para toda a cidade, sendo palco de muitos acontecimento institucionais, e também por está localizado no cerne desta.

A relevância de trazer a tona estes registros é a busca pela tentativa de mostrar a importância do patrimônio histórico de uma “pequena cidade” do interior da Paraíba, considerando que atualmente grande parte destes sítios e seus bens são tão poucos ou até mesmo nunca estudados. Além disto, para nós, o trabalho é de total significância, pois o sobrado é um dos prédios simbólicos da existência da cidade, pertencendo ao primeiro prefeito desta e participando de seu crescimento urbanístico.

Com a explanação da pesquisa comprova-se que este mesmo sentimento é tido também por muitos cidadãos, que reconhecem o bem como componente da sua história e tem por este um sentimento de “carinho e proteção”, prezando pela sua existência. Percebemos, que apesar disto, grande parte não goza do entendimento sobre sua arquitetura e seus elementos, fato que pode ser revertido, e tendo sido já iniciado por meio das publicações no instagram aqui apresentadas.

Porém, é importante salientar que este trabalho não resolverá, nem pretende fazê-lo, todas as questões que envolvem o patrimônio histórico picuense, sendo necessário uma intervenção a nível de proteção legislativa, para que a integridade seja efetivada. Além disto, é importante também que haja manifestações, mesmo que

em pequenas escalas, como oficinas e palestras nos ambientes acadêmicos e públicos, promovendo explicações sobre a importância dos bens históricos, em suma, investimento em Educação Patrimonial.

6. Referências bibliográficas

BONAMETTI, João Henrique. **A arquitetura eclética e a modernização da paisagem urbana brasileira**. Eclesiologia, Curitiba, p. 1-11, 2006. Disponível em: <<http://periodicos.unespar.edu.br/index.php/revistacientifica/article/view/1741>>. Acesso em: 2 mar. 2020.

ALVES, Ana Claudia Nunes. **IDENTIDADE DO LUGAR E MEMÓRIA: O papel do afeto na preservação e uso de espaços públicos**. A memória como identidade do lugar, Belo Horizonte, p. 1-13, 2017. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/327317884_Identidade_do_lugar_e_memoria_o_papel_do_afeto_na_preservacao_e_uso_de_espacos_publicos>. Acesso em: 3 mar. 2020.

MOREIRA, Daniel Lopes. **Memória e lugar: Reflexões sobre o patrimônio cultural em áreas periféricas de Olinda**. Orientador: PROFa. Dra. Lilian Fessler Vaz. 2009. 117 p. Dissertação (Mestrado em Urbanismo) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <<http://www.livrosgratis.com.br/busca/Mem%F3ria%20e%20lugar:%20reflex%F5es%20sobre%20o%20patrimonio%20cultural%20em%20%E1reas%20perif%20e%20Olinda/1>>. Acesso em: 4 mar. 2020.

SANTOS, S. V. ; MORAES, F. A. A. **O patrimônio e a construção do Pertencimento: Um estudo de caso acerca da Igreja e Convento de Nossa Senhora dos Anjos em Penedo - AL (2012-2014)**. Revista Magistro , v. 2, p. 25, 2015. Disponível em: <<http://publicacoes.unigranrio.edu.br/index.php/magistro/article/view/2853>>. Acesso em: 19 de março de 2020.

FUNARI, P. P. A. **Os Desafios da Destruição e Conservação do Patrimônio Cultural no Brasil**. Trabalhos de Antropologia e Etnologia. Porto, 41, 2001, 23-32. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/58757030/Os-desafios-da-destruicao-e-conservacao-do-patrimonio-cultural-no-Brasil>>. Acesso em: 20 mar. 2020.

SOUZA, Geórgia Maria Ribeiro de. **ALAGOA GRANDE: Um registro do seu patrimônio arquitetônico**. Orientador: Prof. Ivan Cavalcanti Filho, PhD. 2019. 94 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2019. Disponível em: <<https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/15810>>. Acesso em: 25 de mar. 2020

SANTANA, Gisane Souza; SIMÕES, Maria de Lourdes Netto. **Identidade, memória e patrimônio: A festa de Santa'Ana do Rio do Engenho. Ilhéus (BA)**. Patrimônio imaterial, Rio de Janeiro, v. 12, n. 1, p. 87-102, 5 maio 2015. DOI <https://doi.org/10.12957/tecap.2015.16353>. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/tecap/article/view/16353>>. Acesso em: 27 mar. 2020.

SANTOS, Sergiana Vieira dos; MORAES, Flávio Augusto de Aguiar. O patrimônio e a construção do pertencimento: Estudo de caso acerca da igreja e convento de nossa senhora dos anjos em Penedo-AL. **Pertencimento patrimonial**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 12, p. 1-8, 5 maio 2015. Disponível em:<<http://publicacoes.unigranrio.edu.br/index.php/magistro/article/view/2853>>. Acesso em: 27 mar. 2020.

PELEGRINI, Sandra C. A.; FUNARI, Pedro Paulo. **O que é patrimônio cultural imaterial**. 1. ed. São Paulo: Brasiliense, 2008. Disponível em:<bit.ly/2wS9Hee>. Acesso em: 27 mar. 2020.

UNESCO. Convenção para a salvaguarda do patrimônio cultural imaterial. **Patrimônio cultural imaterial**, Paris, p. 1-16, 17 out. 2003. Disponível em: <<http://patrimonioculturalimaterial.org/pagina,7,80.aspx>>. Acesso em: 27 mar. 2020.

LORENZONI, Hélade de Oliveira. O eclético. **Ecletismo**, Porto Alegre RS, p. 1-8, 23 out. 2015. Disponível em:<https://www.academia.edu/28741324/O_ECL%C3%89TICO>. Acesso em: 16 abr. 2020.

PEDONE, Jaqueline Viel Caberlon. O espírito eclético na arquitetura. **Ecletismo na arquitetura**, Rio Grande do Sul, p. 126-127, 2005. Disponível em:<<https://docplayer.com.br/730030-O-espirito-ecletico-na-arquitetura-jaqueline-viel-caberlon-pedone.html>>. Acesso em: 13 maio 2020.

CAVALCANTE, Z. V.; SILVA, M. L. S. **A importância da Revolução Industrial no mundo da tecnologia**. Anais Eletrônico, VII EPCC, CESUMAR, 2011. Disponível em:<https://www.unicesumar.edu.br/epcc-2011/wpcontent/uploads/sites/86/2016/07/zedequias_vieira_cavalcante2.pdf>. Acesso em: 15 de maio de 2020.

PATETTA, L. **Considerações sobre o Ecletismo na Europa**. In. FABRIS, Annateresa. **Ecletismo na Arquitetura Brasileira**. São Paulo: Studio Nobel: EDUSP. 1987. p. 10-27. Disponível em:<<https://edisciplinas.usp.br/mod/resource/view.php?id=2409491>>. Acesso em: 17 abr.

GONÇALVES JUNIOR, Antonio José; SANT'ANNA, Aurélio; CARSTENS, Frederico; FLEITH, Rossano. **O que é urbanismo**. São Paulo: Brasiliense, 1991. 68p. Disponível em:<<https://pt.slideshare.net/ThaisVeloso/oqueurbanismoajgoncalvesjraureliosantafredericocarstensrossanofleith>>. Acesso em 26 abr.

RODRIGUES, Antonio Edmilson Martins; MELLO, Juliana Oakim Bandeira de. As reformas urbanas na cidade do Rio de Janeiro: uma história de contrastes. **Reformas urbanas projetadas e realizadas na cidade do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, v. 28, n. 1, p. 19-53, 2015. Disponível em:<<http://revista.arquivonacional.gov.br/index.php/revistaacervo/article/view/589>>. Acesso em: 14 maio 2020.

PAOLI, Paula Silveira De. Uma outra cultura de edificar: a produção da nova arquitetura no Rio de Janeiro das reformas urbanas de Pereira Passos (1902-1906). **A arquitetura produzida durante a administração de Pereira Passos e as**

preexistências, na área central do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, n. 7, p. 15-44, 2013. Disponível em:<<http://wpro.rio.rj.gov.br/revistaagcrj/uma-outra-cultura-de-edificar-a-producao-da-nova-arquitetura-no-rio-de-janeiro-das-15-reformas-urbanas-de-pereira-passos-1902-1906/>>. Acesso em: 14 maio 2020.

DA SILVA, L. M. T. **Forma urbana e cotidiano na evolução de João Pessoa**. Saeculum – Revista de História, n. 3, 10 dez. 1997. Disponível em:<<https://periodicos.ufpb.br/index.php/srh/article/view/11234/6349>>. Acesso em 22 de maio de 2020.

AGRA, Fabiana de Fátima Medeiros. **Picuí do Seridó século XX, Volume 1, 1900 – 1950**. João Pessoa: A União, 2014.

OLIVEIRA, Abílio César de. **Município de Picuí. Esboço Histórico**. Tipografia: Santa Teresinha. Natal, 1963.

AMARAL, Liliane S. **Arquitetura e arte decorativa do azulejo no Brasil**. Belas Artes, sem data. Disponível em:<http://www.belasartes.br/revistabelasartes/downloads/artigos/2/arq_e_arte_decorativa_do_azulejo_no_brasil.pdf>. Acesso em: 15 de setembro de 2020.

SCHLEE, A. R. . **O ecletismo na arquitetura pelotense até as décadas de 30 e 40**. 1993 (Dissertação de mestrado). Disponível em:<<https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/1752>>. Acesso em: 20 de setembro de 2020.

VEIGA, Douglas ; JAHNKE, Janisse ; SANTOS, C. A. A. . **Elementos funcionais e ornamentais da arquitetura eclética pelotense: 1870-1931**. Ferragens. Ecletismo em Pelotas: 1870-1931. 1ed.Pelotas: Universitária/Universidade Federal de Pelotas, 2014, v. 1, p. 81-109. Disponível em:<<https://ecletismoempelotas.files.wordpress.com/2010/11/elementos-funcionais-e-ornamentais-da-arquitetura-eclética-pelotense-1870-1931-ferragens.pdf>>. Acesso em: 28 de setembro de 2020.

DEBARBA, André Luís. GREGORY, Angélic. FRANKEN, Angela Pulga. BRUXEL, Daniela Cristina. **Período Colonial**. Disponível em:<<http://arquitracobrasil.wordpress.com/periodo-colonial-1530-a-1830>>. Acesso em: 04 de outubro de 2020.

FIGUEIREDO, Margareth Gomes, ; VARUM, H. ; COSTA, A. **Aspectos da arquitetura civil edificada no século XIX, em São Luís do Maranhão, Brasil**. Conservar Patrimônio , v. 15-16, p. 48-68, 2012. Disponível em:<<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=513653441003>>. Acesso em: 07 de novembro de 2020.

ARAGÃO, Solange de; **"A casa brasileira em Sobrados e Mucambos - a tipologia edificatória na obra de Gilberto Freyre"**, p. 207 -246. In: Ensaio sobre a Casa Brasileira do Século XIX. São Paulo: Blucher, 2017. Disponível em:<<https://openaccess.blucher.com.br/article-details/a-casa-brasileira-em-sobrados-e-mucambos-a-tipologia-edificatoria-na-obra-de-gilberto-freyre-20236>>. Acesso em 07 de novembro de 2020.

CURVAL, R. B. F. ; GONÇALVES, M.R.F. (Margarete Regina de Freitas Gonçalves). **Azulejaria Portuguesa no Sul do Brasil**. Métis (UCS) , v. 7, p. 83-91, 2011. Disponível em:<<http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/metis/article/view/695>>. Acesso em: 07 de novembro de 2020.

CURVAL, Renata Barbosa Ferrari. **Reflexão sobre azulejaria portuguesa na cidade do Rio Grande/RS: O caso do Sobrado dos Azulejos**. Orientador: Prof.Dr. Wilson Marcelino Miranda. 2007. 89 p. Dissertação (Especialista em Patrimônio Cultural e Conservação de Artefatos) - Universidade Federal de Pelotas, Pelota - RS, 2007. Disponível em:<<https://wp.ufpel.edu.br/especializacaoemartesvisuais/files/2013/12/Renata-Barbosa-Ferrari-Curval-2007.pdf>>. Acesso em: 7 nov. 2020.

SANTOS, C. A. A. **Elementos funcionais/ornamentais & ideologia, nas composições de fachadas do ecletismo da fronteira meridional do Brasil: 1870-1931**. In: 18º Encontro Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas (ANPAP), 2009, Salvador. Transversalidades nas Artes Visuais. Slavador: Escola de Belas Artes da UFBA, 2009. v. CD. Disponível em:<http://anpap.org.br/anais/2009/pdf/cpcr/carlos_alberto_avila_santos.pdf>. Acesso em: 07 de novembro de 2020.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **História Oral e Narrativa: tempo, memória e identidades**. História Oral (Rio de Janeiro), São Paulo, v. 6, p. 9-26, 2003. Disponível em:<https://moodle.ufsc.br/pluginfile.php/819734/mod_resource/content/1/DELGADO%20Lucilia%20%E2%80%93%20Hist%C3%B3ria%20oral%20e%20narrativa.pdf>. Acesso em: 07 de novembro de 2020.

RUSKIN, John. **A lâmpada da memória**. Artes & Ofícios, São Paulo, Ateliê Editorial, 2008. Disponível em:<https://books.google.com.br/books/about/L%C3%A2mpada_da_Mem%C3%B3ria_A.html?id=DgtFkElhXIEC&redir_esc=y>. Acesso em: 07 de novembro de 2020.

MARTINS, Ana Paula Ramos da Silva Dutra. **O Patrimônio Eclético no Rio de Janeiro e a sua preservação**. Orientador: D.Sc. Cláudia Carvalho Leme Nóbrega. 2009. 402 p. Dissertação (Mestre em Ciências em Arquitetura, Linha de pesquisa Gestão e Restauração de Espaços Preservados) - UFRJ, Rio de Janeiro, 2009. Disponível em:<<http://objdig.ufrj.br/21/teses/744512.pdf>>. Acesso em: 7 nov. 2020.

IPHAN. **Perguntas frequentes: Qual a diferença entre o tombamento de bens culturais materiais (imóveis e móveis) e o registro de bens culturais de natureza imaterial?** S/D. Disponível em:<<http://portal.iphan.gov.br/perguntasFrequentes?categoria=9#:~:text=O%20registro%20do%20patrim%C3%B4nio%20imaterial,modifica%C3%A7%C3%B5es%20nessa%20forma%20de%20patrim%C3%B4nio>>. Acesso em: 5 nov. 2020.

PINHEIRO, Daniel Sousa; MACEDO, Fernando Lima Soares de; JUNIOR, Jair Nascimento Vieira; SILVA, Mizaél Targino. **Século XXI, as mudanças tecnológicas propostas pela Internet das Coisas**. São Paulo, v. 7, ed. 4, 2018. Disponível em:

<http://www1.sp.senac.br/hotsites/blogs/revistainiciacao/wp-content/uploads/2018/10/3-IC.pdf>. Acesso em: 12 nov. 2020.

SOUZA, Carlos Henrique Medeiros e CARDOSO, Carla. **As Redes Sociais Digitais: Um mundo em transformação**. In Agenda Social. V.5, nº1, jan-abr/2011. Disponível em:<http://www.uenf.br/Uenf/Downloads/Agenda_Social_8427_1312371250.pdf>. Acesso em: 15 de novembro de 2020.

7. APÊNDICE – MAPA DE EDIFICAÇÕES ECLÉTICAS

MAPAS DE EDIFICAÇÕES ECLÉTICAS

LEGENDA

■ EDIF.
ECLÉTICAS



0 50 100 150 200 250 M